

tempo e presença

Publicação de KOINONIA ■ Nº 286 ■ março/abril de 1996 ■ R\$ 3,00



Imagens do tempo

PARA ALÉM DE ELDORADO DE CARAJÁS

KOINONIA

Corra, porém, o juízo como as águas, e a justiça como um rio impetuoso.
(Amós 5.24)

As manifestações, cada vez mais claras e dramáticas, do esgarçamento do tecido social brasileiro tornam evidente a necessidade de um projeto político que seja capaz de corresponder, com urgência e profundidade, às exigências mínimas de vida digna para grande parte da população brasileira. Apesar da premência de um plano de estabilização financeira para o País, o atual governo, entretanto, não pode concentrar todos os esforços nesse projeto, confiando que, como consequência natural, a problemática social seja resolvida a longo prazo. Não bastam o combate à inflação e as reformas constitucionais; urge um plano ousado de desenvolvimento, somado à vontade política e à sensibilidade social, para ir ao encontro dos direitos básicos da maioria pobre de nosso povo.

Para socorrer alguns banqueiros incompetentes e desonestos, e grandes fazendeiros e usineiros endividados, o governo toma medidas rápidas. Ao mesmo tempo mostra lentidão e indecisão quando se trata de responder ao justo direito ao trabalho e à existência digna para milhões de pessoas.

A sucessão de graves acontecimentos sociais que têm abalado o País é sinal evidente de uma crise muito mais profunda que atinge toda a sociedade. São explosões de sofrimento e de dor que nos envergonham e nos revoltam. Assim Carandiru, Candelária, Vigário Geral, Corumbiara, Caruaru e agora Eldorado de Carajás são manifestações dessa grave crise social que afronta a dignidade de nosso povo. E há tantas outras indicativas dessa deterioração da sociedade (desemprego, crianças e famílias de rua, trabalho infantil, narcotráfico, falência da saúde, etc.) que tornam o quadro mais dramático e abrangente.

Não se pode aceitar a miopia daqueles que reduzem esses acontecimentos a uma dimensão local, a um excessivo e condenável uso da força e que não confessam que se trata de frutos de uma sociedade injusta e conflitiva e de um projeto econômico excludente. Se não somos capazes de garantir de forma ampla os direitos fundamentais da pessoa humana, não podemos afirmar que vivemos numa sociedade plenamente democrática.

Os últimos acontecimentos em Eldorado de Carajás revelaram, mais uma vez, a face perversa da nossa sociedade, na qual trabalhadores são tratados como seres descartáveis e a vida é banalizada. Tal situação não permite lentidão e indefinição no trato de questões sociais de tamanha gravidade; no caso especial, é fundamental a implementação de uma verdadeira e corajosa reforma agrária.

Um dos princípios fundantes do movimento ecumênico tem sido o compromisso com a construção de uma sociedade em que a justiça, a paz e a integridade da natureza sejam os alicerces básicos. KOINONIA – Presença Ecumênica e Serviço, como parte integrante desse movimento, manifesta publicamente seu repúdio a mais essa afronta à dignidade da vida do povo brasileiro, e exige do governo medidas mais efetivas e amplas que indiquem, não apenas nos discursos, um projeto político e social que atenda aos direitos e anseios do nosso povo.

Rio, abril de 1996.



Carlos Brandão

SUMÁRIO

Vida e morte

- 5 TEMPO E RESPONSABILIDADE
EM OS ÚLTIMOS PASSOS DE
UM HOMEM
Jurandir Freire Costa

Confronto

- 10 DE RASOS E RADICAIS...
Paulo Botas

Infinito

- 14 O TEMPO É AGORA
Frei Betto

Mistérios

- 17 ETERNIDADE: ALÉM
DOS TEMPOS
Milton Schwantes

Crianças

- 19 VARIAÇÕES SOBRE UM TEMPO,
DOIS TEMPOS E MEIO TEMPO
Nancy Cardoso

Experiências de tempo

- 21 VELHICE E TEMPORALIDADE
Anita Liberalesso Neri

Última cena

- 25 QUERO UMA FITA AMARELA...
Rubem Alves

Deslumbramento

- 27 TEMPO, ESSE IRMÃO
MAIS VELHO
Carlos Rodrigues Brandão

Confidências

- 30 TEMPO DE SILÊNCIO
E TEMPO DE EXÍLIO
Ivone Gebara

Barragem

- 32 A OUTRA FACE DO
JEQUITINHONHA

- 35 ÍNDICE DE TEMPO E PRESENÇA
1995

América Latina

- 39 PERU: A PARTICIPAÇÃO DO
CIDADÃO E SUAS PREMISSAS
SOCIAIS
Sinésio López

Bíblia hoje

- 41 REALIDADE ÀS AVESSAS,
OU RECRIANDO O TEMPO
DE SONHAR?
Jane Falconi Ferreira Vaz

Resenha

- 43 A VIDA COMO CRITÉRIO ÉTICO
Cláudio Ribeiro

A reflexão sobre a temporalidade é o tema básico deste número de TEMPO E PRESENÇA. É a continuidade das revistas sobre *Da Arte, Da Festa, Da Mística* (nº 275) e *Da Sedução, Do Carisma, Do Silêncio* (nº 280), em que a vida e a realidade social são enfocadas a partir de outras perspectivas, com outra linguagem e visões, além das mediações socioanalíticas e teológicas que marcam predominantemente as análises da Revista.

O costumeiro editorial dá lugar ao manifesto de KOINONIA repudiando os últimos acontecimentos que abalaram a sociedade brasileira.

Responsabilidade e compromisso – Através da análise de um filme, Jurandir Freire oferece instigantes reflexões sobre os conceitos de culpa, responsabilidade, morte e vida, afeto e amor. Paulo Botas também desenvolve a mesma temática partindo da maneira como as pessoas vivem a sua realidade. 5

Eternidade e cosmos – Vivemos hoje uma verdadeira revolução no modo de compreender o tempo. A ciência, principalmente a física quântica, tem introduzido novos elementos de interpretação da própria origem da vida e do mundo. A discussão da eternidade é enfocada por frei Betto e Milton Schwantes de forma atraente e questionadora. 14

Infância e velhice – As muitas faces do tempo são apresentadas em dois belíssimos artigos enfocando as riquezas dos momentos da criança e do idoso. A crônica de Nancy Cardoso e as reflexões de Anita Liberalesso Neri nos levam a repensar o tempo. 19

Sobre rituais – De forma original e poética Rubem Alves nos delicia com uma crônica sobre as cerimônias fúnebres. Para ler e refletir. 25

Instante e futuro – Carlos Brandão fala sobre a vida no campo, o rosto da natureza, a floração das paineiras, o fruir da vida. Ivone Gebara, exilada na Europa pela hierarquia católica, mostra como apesar de tudo, a beleza da vida irrompe de diversas maneiras. 29

Mais comunidades alagadas – A construção de uma barragem no rio Jequitinhonha mobiliza populações pobres que lutam pelo seu direito de sobrevivência. 32

tempo e presença

Revista bimestral de KOINONIA
Março/abril de 1996
Ano 18 — nº 286

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço

Rua Santo Amaro, 129
22211-230 Rio de Janeiro RJ
Telefone (021) 224-6713
Fax (021) 221-3016

Rua dos Pinheiros, 706 casa 6
05422-001 São Paulo SP
Telefone/fax (011) 280-7461

CONSELHO EDITORIAL

Carlos Alberto Messeder Pereira
Emir Sader

Ivone Gebara

Ivoni Reimer

José Oscar Beozzo

Jurandir Freire Costa

Leonardo Boff

Maria Emilia Lisboa Pacheco

Sérgio Marcus Pinto Lopes

CONSELHO CONSULTIVO

Carlos Rodrigues Brandão

Luiz Eduardo Wanderley

Maria Luiza Rückert

Paulo Ayres Mattos

Rubem Alves

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Magali do Nascimento Cunha
MTb 011-233

EDITOR

Jether Pereira Ramalho

EDITORES ASSISTENTES

Beatriz Araujo Martins

Paulo Roberto Salles Garcia

EDITORA DE ARTE

E DIAGRAMADORA

Anita Slade

REDATOR

Carlos Cunha

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO

Beatriz Araujo Martins

CAPA

Vanda Freitas

PRODUÇÃO GRÁFICA

Supernova

FOTOLITO DA CAPA

Fotolito Beni

FOTOLITOS

Marcelo Gráfica

IMPRESSÃO

Clip

Os artigos assinados não traduzem necessariamente a opinião da Revista.

Preço do exemplar avulso
R\$ 3,00

Assinatura anual
R\$ 18,00

Assinatura de apoio
R\$ 25,00

Assinatura/exterior
US\$ 50,00

ISSN 0103-569X

Gostaria de expressar a minha alegria por ser assinante de TEMPO E PRESENÇA.

Eu a conheci quando ainda estava no seminário, por intermédio de um amigo que não se apartava do seu exemplar. De lá pra cá TEMPO E PRESENÇA só tem reservado muita alegria para mim. A cada número a revista se afirma mais em meio a essa pluralidade de informação que temos.

TEMPO E PRESENÇA tem-me ajudado a manter o equilíbrio teológico e a aprofundar a minha visão crítica da sociedade. Não há como haver uma separação entre nós. Eu me recuso a lhe dar o divórcio. Foi amor à primeira vista, daqueles que aparecem repentinamente, e, subitamente, nos arrastam indefesos para oceanos nunca dantes navegados. Não tem mais jeito. Percebem? Não tenho como fugir desse amor cabra da peste...

Irailton Melo de Souza

Recife/PE

Desejo a vocês um bom trabalho. Que a revista TEMPO E PRESENÇA continue ajudando — como se propõe — a todos aqueles e aquelas que “se recusam a admitir silenciosamente as

imposições de uma democracia não-democrática e de um mundo que não desejamos”.

Delir Brunelli

Duque de Caxias/RJ

Como membro da Pastoral da Juventude do Meio Popular, a revista TEMPO E PRESENÇA nos acompanha em momentos preciosos de articulação e mobilização, sugerindo temas e colaborando na efetivação das discussões em torno de análise de conjuntura da nossa realidade no âmbito social, político, econômico, eclesial e bíblico-teológico.

Só tenho a parabenizar a equipe pelo trabalho desenvolvido ao longo destes anos, que Deus Olorum conceda-vos forças para a caminhada, inspiração e renovado axé a todo o corpo de KOINONIA para continuar com a sublime tarefa de avançar na colaboração da luta pelo bem comum, na construção de uma nova sociedade justa, fraterna e solidária e, na proclamação da vida plena e abundante para todos os povos.

André Luiz Bastos de Freitas

Feira de Santana/BA

Sou professora na Universidade Federal de Lavras, na

área de educação, e a revista TEMPO E PRESENÇA se constitui num periódico que é necessário a nosso trabalho.

Maria Elizabete Fernandez Ciociola

Lavras/MG

Adoro por demais esta revista, como instrumento profundo e dinâmico de reflexão ecumênica, profética e mística.

Veroni

Buriti de Goiás/GO

Tive a oportunidade de ler a revista TEMPO E PRESENÇA de KOINONIA e gostei da forma como apresenta os assuntos, bem como os assuntos abordados. Por isso solicito as informações necessárias para realizar a assinatura.

Leodir Carraro

Cuiabá/MT

Gostaria de manifestar minha grande satisfação em receber tão nobre contribuição para entender o mundo na atualidade. Quero parabenizar toda a equipe de redação da TEMPO E PRESENÇA. Já renovei a assinatura para 1996.

Lusival Barcellos

João Pessoa/PB

NÃO FIQUE SÓ NESTA LEITURA!

Quem assina TEMPO E PRESENÇA não só apóia uma publicação que apresenta análises dos mais relevantes temas da vida nacional e internacional sob os mais variados pontos de vista, mas também faz parte de uma comunidade de leitores que acreditam, se comprometem e lutam pela construção de uma realidade nova, democrática e plural. Não fique de fora! Apóie o trabalho de TEMPO E PRESENÇA e integre sua comunidade de leitores.

FAÇA AINDA HOJE SUA ASSINATURA ANUAL por apenas R\$18,00. Caso queira tornar-se assinante de apoio, envie-nos R\$ 25,00. Para o exterior; a assinatura custa US\$50,00. Remeta cheque nominal, recibo de vale postal ou recibo de depósito na conta Bradesco 15245-5 Agência 1745-0, para:

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, a/c Setor de Distribuição
Rua Santo Amaro, 129 Glória 22211-230 Rio de Janeiro RJ
Tel. (021) 224-6713 Fax: (021) 221-3016

TEMPO E RESPONSABILIDADE EM OS ÚLTIMOS PASSOS DE UM HOMEM

Jurandir Freire Costa

Existem várias acepções do tempo. Tradicionalmente, costuma-se dividi-las em três: o tempo como parte mensurável do movimento; como intuição do movimento; e como estrutura de possibilidades. É neste último sentido que a idéia de tempo pode ser analisada à luz da idéia de responsabilidade

O tempo, enquanto estrutura de possibilidades, aponta para a noção de contingência da condição humana. Contingência quer dizer simplesmente que estamos abertos a um horizonte de identificações possíveis, nossas e do mundo, onde não existem os *a priori* e necessidades, mas acasos, variações e probabilidades, todos passíveis de avaliação ética. O que é sempre poderia ter sido diferente e sempre poderá ser diferente. Por isso, afirma Agnes Heller, este “estado de possibilidades indeterminadas” exige do sujeito um esforço de redescritção e circunscrição do sentido dos acontecimentos (Heller, Agnes & Fehér, Ferenc, *The Postmodern Political Condition*, Cambridge, Polity Press, 1988, p.26). E dependendo da interpretação que damos à contingência podemos criar visões de mundo radicalmente opostas do ponto de vista moral.

Falar de contingência, portanto, é falar da liberdade do agente. Podemos sempre transformar a indeterminação da existência numa narrativa com finalidades éticas, mesmo sob a coerção de limites empíricos. Ora, dotar as crenças, desejos e ações humanos de fins éticos implica em dar relevo à presença do agente como ser moral; como ser que interpreta o passado com vistas à alteração do futuro. Agir sobre a contingência passada, imprimindo-lhe a marca de um futuro idealizado, torna o sujeito automaticamente responsável pelo que virá a ser. Novamente, recorrendo a Heller, fazer da contingência *destino* é, simultaneamente, definir o ator humano como sujeito moral que delibera entre alternativas e criar uma imagem ideal de mundo capaz de orientar eticamente suas decisões.

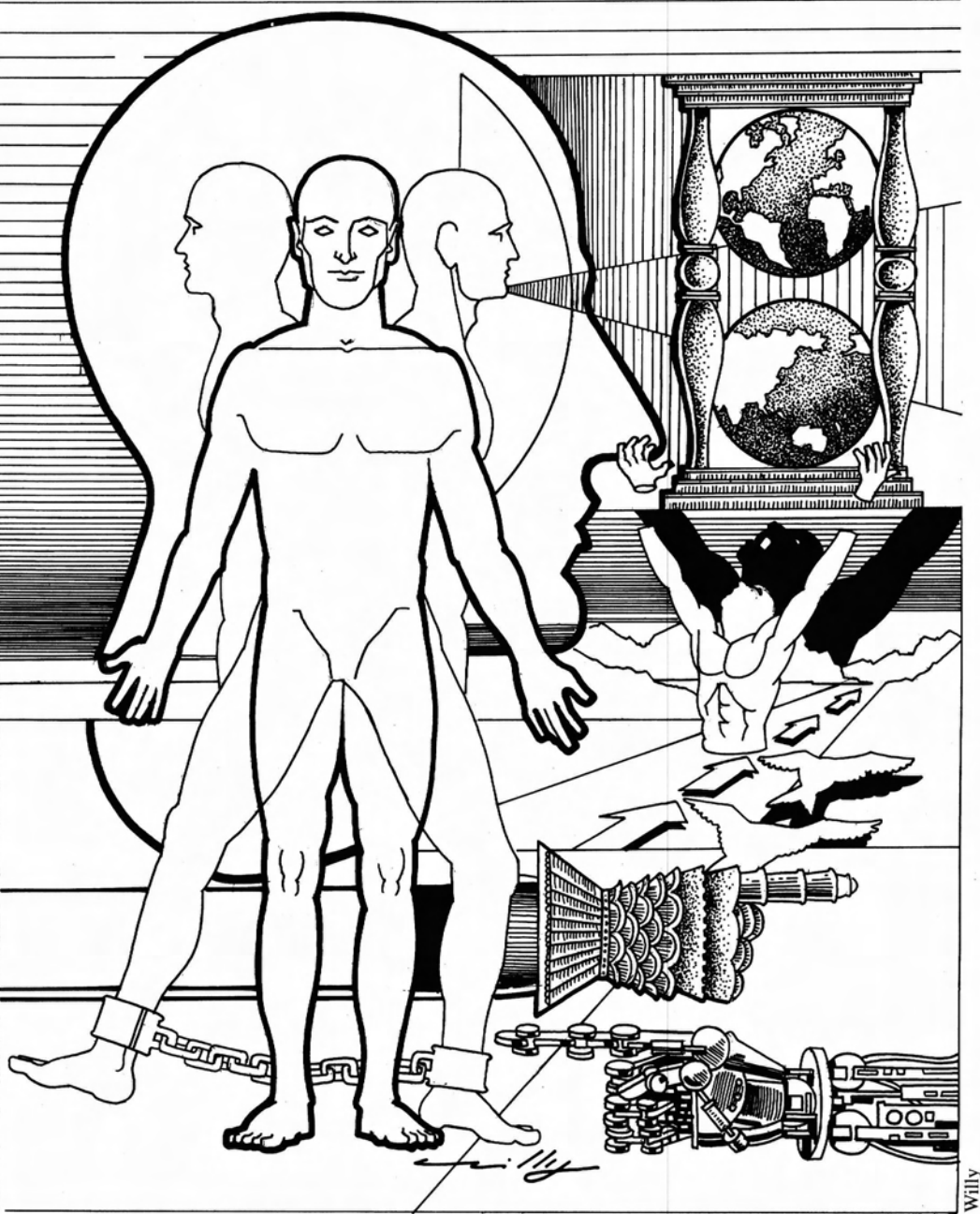
Responsabilidade. No presente de nossa cultura, uma das facetas mais problemáticas da prática humana é a da responsabilidade. A idéia de que somos responsáveis pelo que virá, assumindo a responsabilidade pelo tempo presente e passado, é cada vez mais frágil e desmoralizada. Tendemos a ver no passado algo que não nos diz respeito ou algo que nos “determina” e assim a demitir-nos da preocupação com o presente. No primeiro caso não nos sentimos concernidos pelos acontecimentos e no segundo, aprendemos a sentir-nos, no máximo, “culpados” pelo que aconteceu. Nos tempos atuais a culpa tende a substituir a responsabilidade. Mas, ao contrário do que pensamos



irrefletidamente, um não é o mesmo que o outro nem acompanha necessariamente o outro! A relação do sujeito com a culpa é um correlato da degradação ou perda do sentido de dignidade ética.

O sentimento de culpa deriva da idéia de que erramos moralmente por ignorância, fraqueza ou intenção de fazer o mal. Nos três casos, temos uma imagem do sujeito como alguém que se desconhece ou que luta com forças que, dentro ou fora de si, são capazes de levá-lo a uma vida viciosa. No passado, a idéia de “paixões” ou excesso fundamentava a explicação da loucura ou da conduta imoral; no presente, a antiga determinação passional foi substituída por “instintos”, “pulsões”, “afetos descontrolados”, “traumas”, “coerções socioeconômicas”, etc. A idéia central neste dispositivo de produção de culpa é uma idéia contraditória. Apesar de “determinados”, ou seja, de submetidos a algo que escapa à nossa autonomia, ainda assim somos “culpados”. O sujeito é frágil e vulnerável ao mal, mas nada pode fazer, exceto sentir-se culpado depois de ter agido de modo imoral. A consequência desta interpretação do agir humano é a de fazer-nos acreditar que nada podemos fazer contra as contingências de nossa história pessoal. A moral que deriva dessa crença é a da paralisia, da omissão, da indiferença ou da submissão a uma palavra alheia que nos diga dogmaticamente como agir, sem que tenhamos que pagar o preço de nossas decisões.

Outra coisa é a noção de responsabilidade. A responsabilidade pode ou não estar ligada à culpa. Está ligada à culpa quando somos agentes de infração ou omissão e de nós depende a sequência dos efeitos reprovados. Mas podemos ser responsáveis por consequências de atos que não foram de nossa autoria e sobre os quais também não podemos ser acusados de omissão. Nenhum de nós, por exemplo, foi culpado pela criação histórica do escravismo, mas



Willy

*Só na morte a vida
aparece em sua
plenitude: só na morte
podemos dizer se
vivemos a boa ou
a má vida*

todos somos responsáveis pelas consequências do racismo, em parte, derivadas da escravidão. Da mesma forma, nenhum de nós inventou o nazismo ou colaborou com ele, mas todos somos responsáveis pelas lições de história aprendidas com o extermínio das vítimas da intolerância racial, cultural ou política que os nazistas nos obrigaram a viver.

Responsabilidade, assim, é uma conduta, atitude ou disposição para agir maior e mais vasta do que a mera culpabilidade. A culpabilidade põe em jogo o erro moral pessoal, mas não compromete obrigatoriamente o culpado com acontecimentos que não lhe digam respeito. Podemos sentir-nos extremamente culpados e, mesmo assim, sermos extremamente irresponsáveis. Basta que a culpa não nos permita ver o que se passa em torno e nos envolva exclusivamente com nossos problemas privados.

Este tema, da maior importância para a vida ética, é magistralmente abordado por Tim Robbins no filme, "Os últimos passos de um homem" (*Dead man walking*). Brevemente, o filme trata da pena de morte aplicada a um homem que estuprou uma garota e assassinou-a junto com o namorado. O assassino, ao receber a sentença judicial de morte, começa a corresponder-se com uma freira, a quem diz ser inocente. A freira, contrariando a opinião de sua família, da família das vítimas, do capelão da prisão e mesmo de algumas pessoas da comunidade de pobres onde trabalhava, luta para suspender a sentença. Não consegue e acompanha o prisioneiro como conselheira espiri-

tual até o momento da execução. O enredo, aparentemente trivial, traz novidades para quem presencia o mal-estar de nossa época. Tim Robbins escolhe como tema de sua reflexão a morte e o amor. Mas o faz de maneira original, ousada e com uma inteligência rara no panorama artístico do cinema de hoje. A morte e o amor, em Tim Robbins, são revistos à luz do que temos de melhor em nossa tradição ética e isto, por si só, justifica, a meu ver, a atenção que o filme merece. Vejamos, primeiro, o tema da morte.

A morte. Escolher a morte como objeto de reflexão significa tocar naquilo que, sobretudo modernamente, insistimos em negar. Mas a negação atual da morte, não é um simples "não querer saber, não querer ver". Pelo contrário, poucas vezes, nas sociedades ocidentais fomos tão saturados de espetáculos mortais. A visão cotidiana de mortandades truculentas é tudo a que temos direito, tanto nos noticiários da imprensa, em especial da televisão, quanto em outros meios de comunicação e de "diversão". Porém, se falamos muito de pessoas que morrem, de assassinatos, de catástrofes etc, calamos sistematicamente sobre o sentido da morte. Isto porque a morte é, para a maioria de nós, o sem-sentido; aquilo que perturba a vida; a sombra e o silêncio que anunciam o insondável fim. Tim Robbins pensa na contramão. A atitude da freira é a de fazer da morte, por assim dizer, o último passo da vida. Só na morte a vida aparece em sua plenitude; só na morte podemos dizer se vivemos a boa ou a má vida. Até a hora de morrer, jamais sabemos o que faremos no momento seguinte. Mas no minuto final, podemos saber em que "destino" transformamos nossas contingências. Sem a consciência da morte, a vida, eticamente considerada, seria impensável e impossível! O Bem só existe quando temos, à nossa disposição, exemplos de "homens que foram bons";

de homens que, depois de terem existido, deixaram-nos o legado de suas vidas como sendo vidas justas e boas.

No entanto, esta imagem da morte como derradeira testemunha ética da vida só faz sentido numa cultura em que a vida é um bem em si; na qual a vida não é um meio que usamos para alcançar algo fora dela: o prazer, o sucesso, o dinheiro, o poder ou mesmo, para alguns equivocados, a própria salvação depois da morte (ver Lebrun, Gérard, *A neutralização do prazer*, in *O desejo*, vários autores, São Paulo, Companhia das Letras, 1990, pp.67-90). Considerar a vida como um bem em si significa poder senti-la, vê-la e pensá-la como limitada, em certo modo de aparecer, e ilimitada, em outro modo de aparecer (ver Fernandes, Sérgio L. de C., *Filosofia e Consciência — Uma investigação ontológica da consciência*, Rio, Areté Editora, 1995). Na descrição biológica ou psicológica, a vida é limitada, pois se esgota quando cessam as funções vitais do organismo individual e a consciência do eu deixa de existir. A vida, neste caso, é concebida como vida de cada um projetada em todos. Pensar individualisticamente além da vida individual ainda é imaginá-la como a soma de várias vidas singulares. Em certas visões transcendentais da vida, ao contrário, vida e morte são parte de um imenso processo, desconhecido no seu início e no seu fim, do qual, como indivíduos, fazemos parte. Nestas concepções da vida, o mistério desloca-se da morte para a totalidade do movimento ou renovação permanente do que existe fora de nós e nos ultrapassa. A morte não é mais o que encerra a chave do misterioso e dos últimos fins, até porque passamos a falar de nossa morte de maneira semelhante à maneira como falamos da morte de outros seres vivos, plantas e animais. Certos fenômenos perdidos com o desaparecimento da vida humana, como, por exemplo, a consciência, passam a ser vistos como equivalentes

Recobro espuma e nuvem/ e areia frágil e definitiva./ Dispõem de mim o céu e a terra,/ para que minha alma insolúvel / sozinha apenas viva./ Fico tão longe como a estrela./ Pergunto se este mundo existe,/ e se depois que se navega,/ a algum lugar, enfim, se chega.../ O que será talvez, até mais triste: / Nem barca, nem gaivota,/ somente sobre-humanas companhias...(Cecília Meireles)

tes a outros fenômenos que também desaparecem do mundo dos seres vivos, quando plantas e animais morrem. A habilidade de fazer mel, de construir diques de madeira ou ninhos com pedaços de palha também são retirados do universo animado pela vida, quando abelhas, castores e pássaros morrem.

A vida, assim pensada, é um ponto na imensa cadeia da eternidade da qual tomamos consciência quando aprendemos a falar. Mas a eternidade não é o “obscuro pós-morte” que tanto tememos, como se fôssemos continuar vivos e apenas privados do poder de agir e interagir com os outros indivíduos. A eternidade é o presente instantâneo, e quando pensamos na vida como um elo da eternidade, a morte deixa de ser horror, castigo e destruição para tornar-se outro momento da vida (ver Fernandes, *ibid*). O modo conhecido de superar o “terror individualista da morte” é considerá-la uma parte da vida que se realiza na integração do transcendente que dá sentido à vida de cada um. No caso do filme, o transcendente é a visão cristã de mundo, mas poderia ser outro, e a metáfora continuaria válida. O essencial é que neste *ethos*, viver e querer viver dignamente são sinônimos. O mérito de Tim Robbins é o de haver mostrado que isto existe entre nós; que não precisamos recordar nostalgicamente os “bons velhos tempos” — se é que existiram — para falar

do que, atualmente, torna-se cada vez mais escasso. Com cuidado e vontade de afirmação da vida podemos notar o que passa despercebido na maré de irresponsabilidade que nos cerca.

O relato da conduta da freira, na mentalidade contemporânea, pode ser imediatamente traduzido como o resultado previsível da “bondade cristã”, própria de alguns desmiolados com a cabeça na lua. Mas não é este o problema de Robbins. O Cristianismo e a bondade da irmã não eram condições suficientes para justificarem suas ações e intenções. Outros cristãos foram retratados no filme e todos opunham-se ou não entendiam as razões de tal conduta. Consideravam-na louca, insensata e enganada pela astúcia do assassino. A freira, no entanto, perseguia um só objetivo: mostrar ao condenado que ele precisava assumir sua responsabilidade no crime cometido. Ao longo do filme, ela cita a passagem do Evangelho onde é dito que “o homem é maior do que seus atos”, dando a esta expressão o sentido de responsabilidade cristã para com o outro. Em outros termos, a freira não queria que o assassino se sentisse culpado e muito menos prometia-lhe o perdão, já que o poder de perdoar, segundo sua crença, era um atributo de Deus. Queria apenas que ele se sentisse responsável pelo que fizera. Sentir-se responsável era reconhecer que ele tirara a vida de um semelhan-

te que, por ser semelhante, era digno de amor. Só assim, pensava ela, o mundo teria as características de um “mundo humano” conforme as palavras de seu Jesus Cristo, isto é, poderia ser um mundo de amor e para o amor.

O amor. Aqui, também, Tim Robbins inova. Nada parece tão banal quanto falar de amor no cinema. Entretanto, o amor da freira pelo assassino é próximo da vida e da morte e não do sexo, como em nossa intoxicada cultura hollywoodiana. É um amor trágico, pleno de intensidade e pouco tem a ver com o amor romântico. O amor, segundo Tim Robbins, não obedece ao cânone dos romantismos e dos freudismos requentados que recitamos, tediosamente, como quem boceja fórmulas vazias de exorcismo. Esse amor que tanto desejamos nasceu na sociedade de cortesia medieval e, depois, foi recuperado por Rousseau e pelo romantismo europeu que lhe sucedeu, com a familiar imagem de marca moderna, qual seja, a de rebento disfarçado da sexualidade (Bloom, Allan, *Love & Friendship*, New York, Simon & Simon, 1993). Depois de Freud, o copo d’água virou tempestade e, bem ou mal, somos todos praticantes da crença rousseauiana de que o sexo é a parteira do amor. Em linha direta com um certo platonismo, o romantismo filosófico-literário e, em seguida, a psicanálise, em momentos de sono da razão, passaram a difundir e a reforçar, no Ocidente, uma imagem do amor a serviço do “desejo” sexual que tem-se revelado quase irresistível.

O traço particular deste imaginário amoroso é a definição, partilhada por todos ou quase todos, do desejo sexual-amoroso como **desejo daquilo que falta**. O desejo sexual, assim como seu filhote espiritual, o desejo amoroso, obedecem ao esquema explicativo da carência/satisfação, tão bem analisado por Lebrun em seu comentário sobre Aristóteles (ver Lebrun, *op.cit*). Na prática de vida,

aprendemos a crer que amamos como desejamos sexualmente, e aprendemos que desejamos sexualmente como satisfazemos necessidades físicas de sede ou fome, por exemplo. Ou seja, amamos e desejamos o objeto amado da mesma forma que ansiamos pelo objeto que sacia nossos organismos e nos faz padecer quando dele somos privados. Desejar sexualmente e amar, diz-se, é desejar a completude, a satisfação ou repleção de um estado anterior de falta, ca-

*Quando pensamos na vida
como um elo da
eternidade, a morte deixa
de ser horror, castigo e
destruição para tornar-se
outro momento da vida*

rência, privação, frustração etc, pouco importando as preciosas distinções conceituais que tanto afligem alguns praticantes da psicanálise, quando se debatem intelectualmente com esses termos.

Esta ideologia amorosa domina e fascina nossas consciências. Parece condensar toda a aspiração à transcendência que somos capazes de imaginar. No monótono mundo burguês a única aventura empolgante é a “aventura” da paixão romântica. Historicamente o “maravilhoso”, no sentido que Le Goff dá à palavra, foi expulso de nosso cotidiano e o padecimento sexual-amoroso tomou seu lugar (ver Le Goff, Jacques, *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*, Lisboa, Edições 70, 1990). O homem burguês voltou-se para o culto do amor-paixão como a última razão de ser de uma vida cada vez mais esvaziada de sentido. Amamos como consumimos e a avalanche de sexo e amor que nos é servida em nada apazigua a solidão, o desencanto, a sofreguidão, a voracidade e o desespero dos praticantes do amor

romântico. Como Godot, vivemos à espera de alguma coisa que, de antemão, é feita para desfazer-se quando nos apropriamos dela. Ao modo do cínico Vautrin, de Balzac, não cansamos de dizer: Meu *anjo*, saiba que toda a paixão será castigada pelo dia-a-dia, pela lassidão, pela monotonia, pela infidelidade ou pelo puro e simples desinteresse que se segue à desidealização compulsória de todo o objeto do investimento apaixonado. E, pior do que isso, você está impedido de imaginar qualquer alternativa a esse cruel e obtuso modo de vida, porque o que o constitui enquanto sujeito é a “falta” do objeto amoroso-sexual. Então, console-se, aprenda a gozar com o sofrimento e colabore para a expansão do grande movimento masoquista ocidental, como diz Denis de Rougemont (De Rougemont, Denis, *O amor e o ocidente*, Rio, Editora Guanabara, 1988). Você não está só! Está com o resto do rebanho, de cabeça baixa, sendo humano estupidamente humano.

É contra isto que Tim Robbins se insurge. Podemos, certamente, amar ou desejar aquilo que nos falta ou aquilo de que somos carentes, como no caso do amor-paixão ou amor romântico. Mas também podemos amar aquilo cuja falta não podíamos sentir, pela boa razão de que o que amamos foi criado para ser amado e não amado porque foi perdido ou porque não tínhamos outro recurso senão sermos obrigados a amar. Este modelo de amor rompe com o “modelo nutritivo” do sexo-amor que faz depender da falta aquilo que somos levados a desejar. Seu preço, no entanto, é contrariar a voracidade romântica — em estreita sintonia com o moderno consumismo — e o de tentar sugerir ao sujeito que ele pode trocar a cultura da culpa pela cultura da responsabilidade. Deixar a cultura da culpa significa abrir mão do gozo masoquista com os amores infelizes e com a estratégia da vitimização e da culpabilização do ou-

tro ou do “destino”, marca registrada da paixão romântica. Para isso, precisamos entender que viver de outro modo não só é pensável e possível como factível. *Os últimos passos de um homem* é uma dessas histórias exemplares que mostram aquilo de que somos capazes quando não nos deixamos aprisionar pela burocracia dos hábitos mentais rotineiros.

Porque não era cúmplice da cultura masoquista do amor-padecimento, a freira tinha liberdade de amar ou não o assassino. Liberdade não quer dizer que ela não se sentia responsabilizada por ele. Quer dizer que o assassino era mais um ser humano no mundo, digno de amor e não um tóxico sem o qual ela não podia passar. As palavras de Paulo sobre o amor, em Tim Robbins, explodem em toda a grandeza e vitalidade. A maior das três virtudes, disse Paulo, é o amor porque mesmo quando a fé e a esperança não mais forem necessárias, o amor continuará sendo na plenitude. Esta ética amorosa, de tão simples tradução na vida da freira, contrasta violentamente com nossa moral de umbigo, voltada para a devoração de coisas e amores que parecem multiplicar pequenas e infernais culpabilidades em escala industrial. Ao contrário da irresponsabilidade, da culpa e do sofrimento que cultivamos teimosa e insensatamente, na nossa adesão hipnótica ao despotismo da paixão romântica, o amor em Tim Robbins, acompanha a vida e a morte, sem a agonia do medo e da solidão.

Não por acaso, neste filme, ouvimos um dos únicos *I love you* e *I love you too* do cinema que não evocam banalidade, propaganda de produtos ou promessas de Tartufo. Os dois se amam não porque são obrigados a amar ou viciados em amor, mas porque são responsáveis um pelo outro.

Jurandir Freire Costa, psicanalista, professor do IMS-UERJ e pesquisador do CNPq.

DE RASOS E RADICAIS...

Paulo Botas

Para o radical Betinho, quem primeiro me falou dos rasos

“Quem põe a mão no arado e olha para trás não é apto para o Reino de Deus”
(Lucas 9,62)

“Viver é respirar; pousar já é morrer”
(Guimarães Rosa)

Nestas últimas décadas, as questões éticas e morais têm sido relegadas ao cenário pragmático de uma política de resultados imediato e circunstancial. A ilusão da posse, maior ou menor, de bens ocupa o lugar de valores morais como a dignidade, a integridade e a decência. Uma razão cínica (*gracias* Juran- dir) preenche todos os espaços do cotidiano, da vida privada à pública e neste cinismo, sem dúvida, os filhos das trevas são mais espertos que os filhos da luz. Uma cultura de aparências agudiza o que, na década de 1960, era o confronto vivido por homens e mulheres que acreditavam na construção de um mundo novo: *ter versus ser*.

Nesta ilusão de poder, arrogante e permissiva, não nos colocamos mais diante da única certeza pessoal e intransferível: a morte. Colocarmos diante da morte, da nossa própria morte, significa darmos um valor existencial a nossa vida e a nosso cotidiano, dando o máximo de autenticidade possível a cada dia, *como se fosse o último*. Coisas de existencialistas, dirão uns; coisas ultrapassadas, dirão outros. Coisas da vida e da morte, diremos nós. O tempo oportuno, *kairos*, não é sempre este instante fugidio e frágil que pode ser

o derradeiro??? *Tempus fugit...Carpe diem*. Sabedoria milenar que poucos procuram colocar na sua prática cotidiana.

O homem vale a afetividade que ele cultivou e só. Ninguém leva nada no seu ataúde além da saudade terna dos que ainda restaram em vida. Mas pode também não levar nem as saudades, nem as lembranças, apenas a irônica frase: “descansou”...

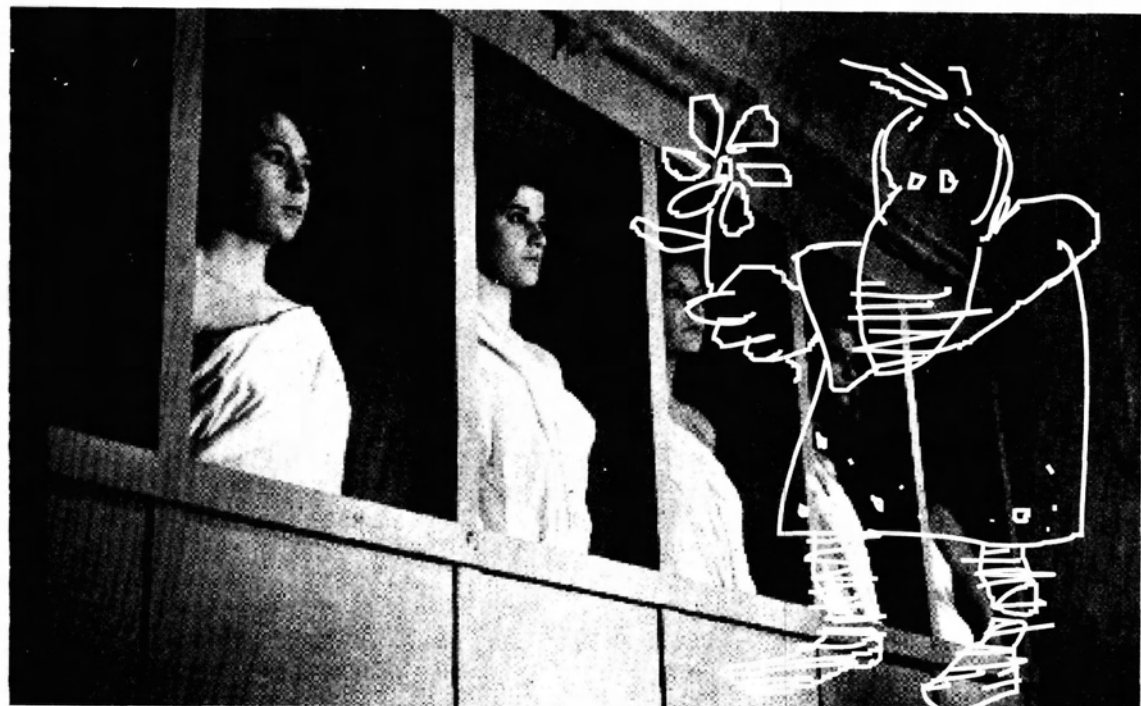
A morte só é descanso para quem fez da sua vida uma batalha insaciável para a acumulação e não conheceu as relações solidárias e comunitárias, nas quais a comunhão exige um despojamento e uma partilha da vida na construção de um projeto comum. A vida é uma luta para os que têm um coração valente e para os que constroem suas relações na lealdade amorosa e no enfrentamento dos preconceitos todos. “...Quem é mesmo inteirado valente, no coração, esse também não pode deixar de ser bom” (Guimarães Rosa). É preciso deixar que os mortos enterrem seus mortos com todas as suas dietas, regimes e ostentações com todos os seus medos, preconceitos, surtos, ciúmes, poses, malversações e perversidades.

DOS RASOS

“Cada qual com sua baixeza; cada qual com sua altura”, escrevia Guimarães Rosa. O dicionário do Aurélio ainda vai complementar dizendo que raso pode ser entendido como “vil”, “reles” e “ordinário”. Mas não são estes que o Cristo vai chamar de fariseus e hipócritas? Não são estes os incapazes dos gestos de amor que libertam, que conspiram nas trevas e que apunhalam com um sorriso cínico na cara? Estes não têm rosto. São

como amebas, sem forma e invertebrados. E, portanto, podem assumir as formas que desejarem de acordo com suas conveniências e interesses. Estes não se colocam nunca diante da morte. A *cultura da aparência* como forma de dominação e ostentação é a sua única preocupação diária e o seu hoje é preenchido pelo clichê: quanto mais caro, melhor. São sem estilo, porque suas vidas carecem de densidade e tudo é resolvido com as frases tradicionais: “Tudo bem, que ele tenha suas aventuras fora do casamento, desde que não deixe faltar nada em casa”; “Aproveite o que puder, se não for você será outro”; “Qual o sobrenome deste indivíduo e a que família pertence?”.

E suas vidas e corpos vão se enchendo de preocupações que não ultrapassam a soleira das suas portas e reuniões sociais: regimes, dietas, exercícios, plásticas, corridas, vitaminas e tudo o mais para tentar conter o tempo que lhes vai revelando que sua vida, incapaz para a comunidade, está reduzida ao parco mundinho familiar fragmentado, onde cada um tem no seu quarto o suficiente para viver isolado de uma vida solidária e fraterna: televisão, som e telefone. A mesa não é mais comum, cada qual come sua comida sozinho e para tanto basta um *freezer* e um microondas. Mas prevalecerá uma estética da fome quando, *ad nauseam*, os corpos, não importa qual sacrifício, deverão ser magros e sem contornos. No entanto, haverá sempre um dia consagrado para a reunião familiar, quando se mastigará à mesa, além da comida, a justaposição de vidas isoladas e solitárias. E



William Seewald

nessa hora tentarão acertar as contas numa discussão amarga interminável, permeada de cobranças e denúncias das falsidades cometidas entre si. E, aos pais, caberá o direito de todas as cobranças do mundo. Todos os preconceitos, dogmatismos e autoritarismos farão parte desse cotidiano fastidioso, em que a alegria e a generosidade serão banidas como ameaçadoras para essas vidas, cujo anseio maior é conseguir fazer compras em Miami, porque o Paraguai já deu o que tinha que dar...

E o gosto cafona se repete: vasos com apliques de espelho; porcelanas de *Taiwan*; pinturas de fogo na floresta, de pastos ao cair da tarde ou de naturezas mortas; todos os tipos de comida que ostentam o mau gosto de quem não sabe combinar os paladares, com a apoteose de bandejas de prata suportando vasilhames plásticos da *Kibon*; e móveis com pátinas velhas, para dar um ar francês, cuja imitação é a expressão da

O homem vale a afetividade que ele cultivou e só

farsa de suas vidas. E grifes, grifes e mais grifes.

Os rasos não se amam, se cobram; não se entregam, se suportam; e suas cabeças são cheias de preconceitos contra todos os que não são o espelho da sua vidinha vil, reles e ordinária: "...a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão havendo e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total" (Guimarães Rosa).

Os rasos só vêem o que lhes interessa ver. E por isso são cegos, pois "o pior cego é o que quer ver" (Guimarães Rosa). E a inveja, que é uma merda, será a sua muleta na mesmice doméstica e a sua arma para des-

truir a altura e a densidade da vida das pessoas que chamam de radicais. São Tomás de Aquino define a *inveja* como "a tristeza provocada pela felicidade e bem alheio". Ora, a palavra "inveja", em latim *invidia*, quando decomposta, significa contralhado, mau-olhado: *in*-contra; *vid*-tema de visão. Em síntese, inveja e mau-olhado são a mesma palavra para a mesma coisa. Quem diz uma diz a outra. Por isso, a energia invejosa dos rasos transmite o mau-olhado que cria obstáculos, *urucubacas* e a sucessão de azares que acometem, às vezes, os sonhos e projetos de homens e mulheres felizes nos seus afetos e solidariedades. Os rasos não suportam olhar e muito menos ficar perto da felicidade e da alegria produzidas nas relações comunitárias que transcendem as relações individuais e intestinas dos pequenos poderes e suas máscaras. Suas vidas são eternas concordatas, quando se blefa sempre para sempre se tirar pro-

Nós, os poetas, temos, entre nossas substâncias originais, a de sermos feitos em grande parte de fogo e fumaça. (Pablo Neruda)

veito. “A primeira coisa, que um para ser alto nesta vida tem de aprender, é topar firme as invejas dos outros restantes” (Guimarães Rosa).

Os rasos sempre procuram *bodes expiatórios* para justificar a sua falência humana e afetiva. Julgam como se julga nos regimes ditatoriais. Têm a posição fechada — *parti pris* — de que todos são culpados e que devem provar a sua inocência. Oxalá atentassem para o veredicto do Evangelho: *Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então verás bem para tirar o cisco do olho do teu irmão* (Mateus 7.5).

Aos rasos caberá como derradeira ostentação um caixão de madeira nobre, com alças douradas, um sonoro “Descanse em Paz” e a certeza de que, finalmente, os que foram atormentados pela sua pequenez e miopia poderão, eles sim, descansar em paz... Pois, “perdoar a uma cascavel: exercício de santidade” (Guimarães Rosa).

Aos rasos caberá ainda o vaticinado por Mateus, como epitáfio e julgamento definitivo: *Ai de vós fariseus, hipócritas! Sois semelhantes a sepulcros caiados, que por fora parecem bonitos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda a podridão* (Mateus 23.27).

DOS RADICAIS

Conheço tua conduta: não és frio nem quente. Oxalá fosses frio ou quente. Assim porque és morno, nem frio nem quente, estou para te vomitar de minha boca (Apocalipse 3.15,16). Desta forma, João vai se referir à exigência de radicalidade feita por Deus para o nosso cotidiano. Mas, deixemos ainda falar o dicionário Aurélio. Radical é o que vai às

raízes das coisas. O sectário é o raso dentro dos seus preconceitos, da sua intolerância e da sua virulência. Era o raso que, em nome de Deus, da Pátria e da Família, levava aos tribunais militares e às prisões os radicais que lutavam por uma sociedade mais justa e solidária.

E radical tem a mesma raiz do verbo “radicar”: enraizar, arraigar, aprofundar. Firmar-se por meio de laços morais, consolidar-se e confirmar-se.

Essa radicalidade e compromisso são privilégio dos que, se colocando diante da morte, vivem o aqui e agora como se fosse o último momento das suas vidas. E são capazes de viver à transparência da verdade, a sua dedicação a um projeto comunitário que seja sinal de contradição ao projeto de dominação dos rasos. E o Evangelho os adverte que serão levados aos tribunais, odiados e que os matarão em nome de Deus, acreditando que estão fazendo-lhe um favor. E Marcos pede apenas que “perseveremos até o fim”.

“Pessoa limpa, pensa limpo” (Guimarães Rosa) e assim pensam os radicais, os que vão até as raízes das coisas e que são tolerantes, reconhecem o direito à diferença, lutam por direitos democráticos, em que a diversidade e a pluralidade sejam o solo onde florescem, ecumenicamente, afetos, sonhos, deuses, religiões, sociedades, homens e mulheres. Eles são generosos, fartos, comprometidos até as últimas consequências com seus irmãos e irmãs, companheiros e companheiras. Estes são os imprescindíveis nos seus compromissos históricos, porque não são só circunstanciais. Os radicais serão traídos e proscritos pelas rasas famílias,

pelos rasos partidos, pelas rasas igrejas, pelas rasas associações, agremiações e sindicatos. A eles cabe, no entanto, manter a lucidez e encontrar no caminho os que vão, com eles, partilhar o pão e a própria vida. Eles são fulminados pela certeza de que um dia desabrochará a flor que esperam “do impossível chão”. São eles os que não têm medo da vida e do seu imprevisível. Sabem que “o medo é a extrema ignorância em momento muito agudo” (Guimarães Rosa). E toda a ignorância é atrevida.

Para os radicais basta a palavra dada, pois palavra dada é vida empenhada. São pactos. “O mais difícil não é um ser bom e proceder honesto; dificultoso, mesmo, é um saber definido o que quer, e ter o poder de ir até no rabo da palavra” (Guimarães Rosa). Por isso, somente os radicais não têm medo nem raiva dos que os ajudam a compreender melhor o mundo e suas relações pessoais. Por isso mesmo são capazes de vibrar com Marx quando escreve nos seus *Manuscritos*:

“Se se pressupõe o homem como homem e sua relação com o mundo



A mesa não é mais comum, cada qual come sua comida sozinho e para tanto basta um freezer e um microondas

como uma relação humana, só se pode trocar amor por amor, confiança por confiança, etc. Se se quiser gozar da arte, deve-se ser um homem artisticamente educado; se se quiser exercer influência sobre outro homem, deve-se ser um homem que atue sobre os outros de modo realmente estimulante e incitante(...) Se amas sem despertar amor, isto é, se teu amor, enquanto amor, não produz amor recíproco, se mediante tua exteriorização de vida como homem amante não te convertes em *homem amado*, teu amor é impotente, uma desgraça".

Os radicais são potentes e férteis nos seus amores e amizades, pois exprimem suas vidas sem raiva e rancor. Pois sabem que "quando se curte raiva de alguém, é a mesma coisa que se autorizar que essa própria pessoa passe durante o tempo governando a idéia e o sentir da gente" (Guimarães Rosa). E sua atitude diante dos rasos é de profunda piedade e compaixão, mas de firmeza e retidão. É de não reconhecer-lhes a estatura de interlocutor, pois não jogam com a verdade e sim a utilizam, nas suas traições, contra os que fingiram amor e amizade. Os radicais têm a lucidez para afirmar que "quem nasceu em debaixo do banco, nunca chega a se sentar" (Guimarães Rosa).

Mas... a vida ensina que, no circunstancial, os rasos, aparentemente, se darão melhor que os radicais. Eles *terão* mais, porém *serão* menos. E estarão presos em suas gaiolas de ouro, com medo, muito medo. Medo de tudo o que não for igual a eles. Medo do afeto, da alegria, da generosidade. Medo de perder o que têm e que perderão no momento da sua morte derradeira, pois já estão mortos em vida.

Aos radicais restam apenas seus novos sonhos e utopias, o envelhecer com sabedoria e doçura, e o ganhar a ancestralidade no momento da sua passagem, pois sabem que "só as pessoas não morrem: tornam a ficar encantadas" (Guimarães Rosa). Os

indivíduos rasos morrem e apodrecem. As pessoas radicais se tornam encantadas e eternas.

Os rasos criam seu deus à sua imagem e semelhança. Pequeno e preconceituoso, dogmático, autoritário e mesquinho. Um deus preso nos templos de pedra e que cobra obrigações e deveres intermináveis. Conta uma estória que conversavam uma prostituta e um "cristão". Eis que, de repente, a prostituta o questiona: "Você deve odiar o seu Deus porque ele também me ama e não ama somente pessoas como você". Não se sabe a resposta do "cristão". Deve ter-se sentido ofendido, pois uma prostituta não poderia jamais questio-

Aos radicais restam apenas seus novos sonhos e utopias, o envelhecer com sabedoria e doçura

nar a sua fé e espiritualidade. Mal sabe ele da promessa do Cristo: *Em verdade vos digo que as prostitutas estão vos precedendo no Reino de Deus* (Mateus 21.31). Os rasos proclamam que o seu deus é o único e julgam todos a partir dele. E morrem de medo do seu castigo que sempre se reduz à perda de seus bens materiais acumulados na exploração do trabalho dos outros, dos seus suores e misérias. Mas é Tiago que os provoca: *Tu crês que há um só Deus? Ótimo! Os demônios também crêem, mas estremecem e temem* (Tiago 3.19).

Os radicais sabem que são criados à imagem e semelhança de Deus. Um Deus de misericórdia e da compaixão. Um Deus que ama não só os que confessam a sua existência, mas todos os homens e mulheres de Boa-Vontade. Um Deus plural que se manifesta permanentemente em todos os gestos de busca de justiça e fraternidade. Quando as pessoas se reconhecem irmãs, nesse momento, a Boa-

Nova é anunciada. Não importa a confissão de fé, importa o gesto fraterno de entrega e de compromisso. O radical sabe que seu coração é uma fonte inesgotável *porque Deus é maior que o nosso coração* (1 João 3.20).

E como seu Deus é o da misericórdia ele é capaz do amor sem preconceitos, da largueza dos gestos e da hospitalidade sem limites. O radical compreende as manifestações culturais do Transcendente e do Inefável e é capaz de dialogar, sem anátemas, com todas elas.

Esta a sua busca cotidiana pois viver sem existir é, *com efeito, como o corpo sem o sopro da vida, morto* (Tiago 3.26). A morte nos apresenta um desafio permanente. Qual a nossa atitude diante da vida e do nosso cotidiano: a do radical Che, que dizia a seus filhos que a qualidade de um homem e de uma mulher é a de se sentir "sensibilizado com qualquer injustiça feita a qualquer homem ou mulher em qualquer lugar do mundo"; ou a do indivíduo que do alto da sua rasura aconselhará a seus filhos: "É preciso aprender a ser cínico para se dar bem na vida"?

Os que conduzem a vida pela raiz não fazem concessões aos que são rasos. A verdade é a sua única arma e vivem sem escaramuças ou subterfúgios.

Conceder é fazer o jogo da meia-verdade, é legitimar com sua vida a prática enganosa dos medíocres e se reduzir à rasura dos que só percebem a superficialidade das coisas e temem a profundidade das entregas e compromissos.

Este o nosso desafio cotidiano: ser radical.

Sem esquecer, jamais, que "não é nas pintas da vaca que se mede o leite e a espuma" (Guimarães Rosa).

Solitude, Quarta-Feira de Cinzas de 1996.

Paulo Botas, frade dominicano, teólogo e assessor de KOINONIA.

O TEMPO É AGORA

Frei Betto

A matéria-prima da Bíblia é o tempo, argila da historicidade. Javé não é um deus qualquer. É o Deus de um determinado percurso no tempo: o Deus “de Abraão, Isaque e Jacó”. Ao contrário de outros deuses, que em sua onipotência criariam de modo instantâneo (deuses-café solúvel), Javé cria a prazo, em sete dias. Essa dimensão de temporalidade no ato criador constitui a base da dimensão de historicidade do povo de Deus, cuja esperança reside naquele em quem todos os tempos se esgotam (*kairos*).

Isso faz sentido se consideramos que o contrário do tempo não é a eternidade. É o amor. Ao irromper no tempo histórico como presença viva de Deus-Amor, Jesus nos convoca a nada mais esperar. “Esgotou-se o tempo” (Marcos 1.15), como quem

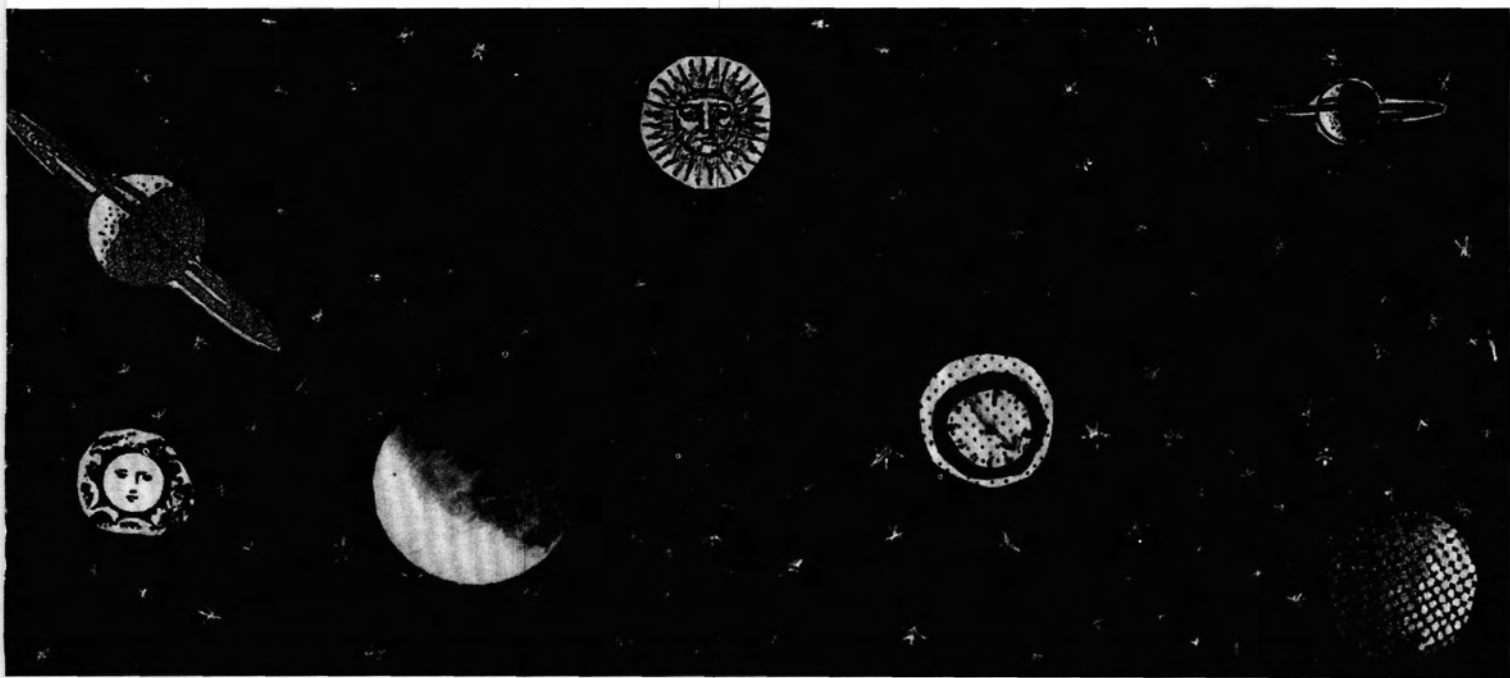
proclama: “Já não há o que aguardar. Resta amar”. E “se o amor faz passar o tempo e o tempo faz passar o amor”, como diz o provérbio italiano, nada mais irreconciliável com o tempo do que o amor. Bem o sabem os amantes, que gostariam de parar no infinito os ponteiros de seus relógios.

A CIÊNCIA À PROCURA DO TEMPO

Para os físicos, esses novos filósofos da era quântica, o início do tempo permanece um mistério. Há cientistas convencidos de que todo o universo teve início num mesmo ovo — o “átomo primordial” do padre Lemaître — a partir da evidência de que todos os átomos e fótons de qualquer planeta ou estrela se comportam do mesmo modo, e todos os quarks e elétrons existentes na Terra são idênticos, por exemplo, aos que

existem no aglomerado galáctico da Cabeleira de Berenice.

Há pesquisadores que vislumbam, do outro lado da barreira, a estrutura do espaço enfeixada num cone gravitacional que, como a coqueteleira de um *barman*, vira o tempo do futuro para o passado, implodindo-o em miríades instantes iguais à eternidade. “Um oceano infinito de energia que tem a aparência do nada”, descreve o físico John Wheeler, de Princeton. Mas é provável que ninguém jamais consiga transpor o limite do tempo — 10^{-43} de segundo (um décimo milionésimo de trilionésimo de trilionésimo de trilionésimo de segundo) após o *Big Bang*. O jardim de Planck. Pode-se rebobinar o filme da história do Universo até este limite, mas é impossível passar daí, porque a força de gravidade impede.



Marta Strauch

Todo um milênio separa o limite de Planck do alvorecer do Universo — o instante da singularidade. Neste instante, nada havia, nem energia, matéria, espaço ou tempo. Situada numa distância finita no passado, a singularidade, na qual a densidade da matéria era tão infinita quanto a compressão do espaço, marcava a explosiva etapa inicial, cuja velocidade de expansão era também infinita.

Portanto, espaço, tempo, matéria e energia teriam tido origem no *Big Bang* — o ponto de partida absoluto. Indagar o que houve antes é absurdo, pois a própria pergunta implica algo que não existia: o tempo. Diante desta questão, respondia Santo Agostinho: “Deus preparava o Inferno para quem faz este tipo de pergunta”.

TEMPO E ESPAÇO — DUAS FACES DA MESMA MOEDA

Quanto mais distantes penetramos no espaço, mais profundamente sondamos o passado. Nessa dimensão, tempo e espaço significam a mesma coisa. Quando a lente do telescópio desnuda as galáxias do aglomerado de Coma, elas se exibem hoje, para nós, como eram há 700 milhões de anos — quando as primeiras águas-vivas começavam a se mexer no ventre oceânico — e não como são agora. Basta dividir a distância pela velocidade para se obter o tempo de percurso. Isso é insignificante, tratando-se de distâncias curtas. Mas quando se trata de quasares a 10 milhões de anos-luz, desvendamos como era o Universo há muitos e muitos milênios.

Todas as formas do Universo se reduzem a conceitos básicos — espaço e tempo, energia e matéria, e gravitação. Einstein, na teoria especial da relatividade, demonstrou a equivalência de matéria e energia e, na teoria geral da relatividade, a indivisibilidade do *continuum* espaço-tempo. A teoria do campo unificado, quando descoberta, culminará esse processo de conexões e convergências.

Einstein demonstrou que espaço e tempo são formas de intuição que não podem separar-se de nossa mente. O espaço não tem realidade objetiva a não ser como disposição dos objetos que percebemos nele. Do mesmo modo, o tempo existe enquanto sucessão de eventos medianos os quais o medimos.

A teoria de Einstein acrescentou o tempo ao espaço tridimensional. Sabemos agora que o Universo é quadridimensional, no *continuum* espaço-tempo. Uma ferrovia é um *continuum* unidimensional de espaço, sobre o qual o maquinista do trem pode assinalar sua posição tendo uma estação como referência. A superfície do mar é um *continuum* bidimensional. As referências, pelas quais o comandante do navio fixa a sua posição, são a latitude e a longitude. O piloto guia o avião através de um *continuum* tridimensional, pois além de considerar latitude e longitude, deve observar também altura em relação ao solo.

Percebemos o espaço como o piloto de avião — um *continuum* de três dimensões. Porém, qualquer acontecimento físico que implica movimento não pode ser apreendido apenas situando sua posição no espaço. É preciso indicar também como se modifica sua posição no tempo. Para a torre de controle, não basta informar que o avião se encontra em latitude x , longitude y e altitude z . É necessária também a coordenada tempo — a quarta dimensão.

Irmãos siameses, espaço e tempo são intimamente solidários. Não se pode separá-los, como costuma fazer a nossa imaginação. Essa separação é estritamente subjetiva. Todas as medições de tempo são, de fato, medições no espaço e, ao contrário, as medições de espaço dependem das medições de tempo. Segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses, estações e anos são medidas da posição da Terra no espaço em relação ao Sol, à Lua e às estrelas. O meio-dia é apenas um ângulo do Sol. Res-

peitadas as diferenças de escala e de natureza, a interdependência entre espaço e tempo é tanto mais evidente quanto maior for a velocidade dos corpos, que é um espaço percorrido num determinado tempo. E uma das consequências disso é que quanto mais rápido se atravessa uma determinada distância no espaço menos depressa se envelhece.

Isso parece válido também para o tempo psicológico. Quanto mais a nossa mente se apega ao tempo, atolada no viscoso terreno da ansiedade ou retida à nostalgia, mais devagar atravessamos os dias que nos é dado viver e mais depressa envelhecemos. Aqueles que vivem aqui-e-agora, sem pressa do que virá nem vontade de retornar ao que passou, permanecem joviais e saudáveis, mesmo em idade avançada. No entanto, pressionados pelo ritmo da vida moderna, nossa cabeça viaja por mil idéias, lugares e fantasias, enquanto o nosso corpo permanece no mesmo lugar. À noite, comemos de olho na TV, escutando sem atenção a pessoa ao nosso lado e recordando a palavra áspera que, no trabalho, gravou uma dobra de ressentimento em nossa subjetividade. Não podemos “perder tempo”. Competimos com parentes, colegas de profissão, amigos e, até com nós mesmos. Tãmanha onipotência é o caminho mais curto para o infarto e outras enfermidades, precedidas pelo mau humor, o estresse, a infelicidade. Aqueles que conseguem viver o aqui-e-agora sabem ganhar tempo — de vida, de alegria, de dedicação aos detalhes do cotidiano e aos grandes projetos empreendidos.

O NOVO CONCEITO DE TEMPO

No século XX, a arte cinematográfica nos introduz num novo conceito de tempo. Não mais o conceito linear, histórico, que perpassa a Bíblia e, também, as pinturas de Fra Angelico ou o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. No filme, predomina a simultaneidade. Suprimem-se as barreiras entre tempo e espaço.

O tempo adquire caráter espacial e, o espaço, caráter temporal. No filme, o olhar da câmara e do espectador passa, com toda a liberdade, do presente para o passado e, deste, para o futuro. Não há continuidade ininterrupta.

A TV, cujo advento ocorreu nos anos de 1940, leva isso ao seu paroxismo. Diante da simultaneidade de tempos distintos, a única âncora é o aqui-e-agora do (tele)espectador. Não há durabilidade nem direção irreversível. A linha de fundo da historicidade — na qual se apóiam o relato bíblico e a pregação cristã — dilui-se no coquetel de eventos onde todos os tempos se fundem. Os “Mamonas Assassinas” aparecem mortos e, sobre os caixões, os cliques os exibem vivos, interpretando seus êxitos musicais.

Assim, aos poucos, o horizonte histórico se apaga, como as luzes de um palco após o espetáculo. A utopia sai de cena, o que permite Fukuyama vaticinar: “A história acabou”. Ao contrário do que adverte Coélet, no *Eclesiastes*, não há mais tempo para construir e tempo para destruir; tempo para amar e tempo para odiar; tempo para fazer a guerra e tempo para estabelecer a paz. O tempo é agora. E nele se sobrepõem construção e destruição, amor e ódio, guerra e paz.

A felicidade, que em si resulta de um projeto temporal, reduz-se então ao mero prazer instantâneo derivado, de preferência, da dilatação do ego (poder, riqueza, projeção pessoal, etc.) e dos “toques” sensitivos (ótico, epidérmico, gustativo, etc.). A utopia é privatizada. Resume-se ao êxito pessoal. A vida já não se move por ideais nem se justifica pela nobreza das causas abraçadas. Basta ter acesso ao consumo que propicia excelente conforto: o apartamento de luxo, a casa na praia ou na montanha, o carro novo, o *kit* eletrônico de comunicações (telefone celular, computador, etc.), as viagens de lazer. Uma ilha de prosperidade e paz imu-

ne às tribulações circundantes de um mundo movido a violência. O Céu na Terra — prometem a publicidade, o turismo, o novo equipamento eletrônico, o banco, o cartão de crédito, etc.

Nem a fé escapa à subtração da temporalidade. O Reino de Deus deixa de situar-se “lá na frente” para ser esperado “lá em cima”. Mero consolo subjetivo, a fé reduz-se à esperança de salvação individual. É o passaporte que credencia o fiel a ingressar no céu, livre das agruras deste tempo de vida.

Graças, pois, ao cinema e à TV, agora o tempo está confinado ao caráter subjetivo. Experimentá-lo é ter uma consciência tópica do presente. Se na Idade Média o sobrenatural banhava a atmosfera que se respirava e, no Iluminismo, era a esperança de futuro que justificava a fé no progresso, agora o que importa é o presente imediato. Busca-se, avidamente, a eternização do presente. Michael Jackson é eternamente jovem e multidões malham o corpo como quem sorve o elixir da juventude. Morremos todos saudáveis e esbeltos...

Pulverizam-se os projetos, mesmo porque, na cabeça de muitos, o tempo é cíclico e no mesmo rio corre sempre a mesma água. Outrora, havia namoro, noivado e casamento. Agora, fica-se. Após anos de casado, pode-se voltar ao tempo de namoro e, de novo, ao de casado.

A destemporalização da existência alia-se à desculpabilização da consciência. Uma mesma pessoa vive diferentes experiências sem se perguntar por princípios morais ou religiosos, políticos ou ideológicos. Não há pastores e bispos corruptos e utopias que resultaram em opressão? A TV não mostra o honesto ontem, vigarista hoje e o bandido fazendo gestos humanitários? Onde reside a fronteira entre o bem e o mal, o certo e o errado, o passado e o futuro? “Tudo o que é sólido se desmancha no ar” irrespirável deste fim de século cuja temporalidade fragmenta-se em cor-

tes e dissolvências, *close-ups* e *flash-backs*, muitas nostalgias e poucas utopias. Enquanto as igrejas tentam chegar à modernidade, o mundo naufraga sob os ventos da pós-modernidade.

Há, contudo, algo de positivo nessa simultaneidade, nesse aqui-e-agora que nos impõem como negação do tempo. É a busca da interioridade. Do tempo místico como tempo absoluto. Tempo síntese/supressão de todos os tempos. *Kairos*. Eis que irrompe a eternidade — eterna idade. Pura fruição. Onde a vida é terna.

Nas artes, a música e a poesia se aproximam, de modo exemplar, dessa simultaneidade que volatiliza o tempo, imprimindo-lhe caráter atemporal. Na música, nossos ouvidos captam apenas a articulação de umas poucas notas. No entanto, perdura na emoção a lembrança de todas as notas que já soaram antes. Em si, a melodia é inatingível, assim como o poema, uma sucessão rítmica de sílabas e palavras sutis. O que existe é a ressonância da nota e da palavra em nossa subjetividade. Então, a sequência se instaura em nós. Não é o tempo fatiado em passado, presente e futuro. É o presente infundável. O tempo infinito. Como no amor, em que o cotidiano é apenas a marcação ordinária de uma inspiração extraordinária.

O tempo de Jesus é *kairos*, presente, simultaneidade. É a plenificação de todos os tempos. É o tempo esgotado. Resta apenas decidir-se, pois o eterno irrompeu na História. É a mística emergindo e encobrindo a árdua e trivial sequência do cotidiano — então, o Senhor do tempo e da História transmuta-se, em nossos corações, em Espírito de Amor. E o tempo se faz, simultaneamente, princípio e fim. Alfa & Ômega.

Frei Betto é escritor e frade dominicano, autor de *A Obra do Artista — uma visão holística do Universo* (Ática).

ETERNIDADE: ALÉM DOS TEMPOS

Milton Schwantes

Aí pelas ruas em frente de casa crescem plantinhas. Plantas em asfalto. É um contra-senso. Há tanta terra por aí, tanta mata, mesmo ao redor desta São Paulo. Bem que estas plantinhas poderiam mostrar-se “mais inteligentes” e transladar-se para outros lugares, mais fáceis de nascer, de crescer, de viver. Não! Por teimosia — ou sei lá por quê — ficam aí agarradas a brechas de asfalto, sem chão abundante,

sem água bastante, em meio a pés a pisá-las, a carros a amassá-las.

Eis, mistérios da eternidade!

Já não há chance para quem foi nascido abaixo dos índices. Séculos atrás não havia chance para quem nascesse escravo. Filho de escravo era escravo. E acabou. Séculos depois, hoje, nascido em pobreza excluído está. Jardim nenhum o abrigará. É jogado por aí até que se extinga, ainda jovem ou com alguns anos mais, excluído de tudo.

É o que ouço, passo a passo. Os analistas dizem e provam que é assim. Neste mundo-cão — e olha lá que cão nenhum é tão cão! — não leva chance quem não é bem nascido.

Outro dia tentei dizê-lo a umas mães. Quis que ficassem espertas, soubessem do mundo em que vivem. Falei-lhes de que não tinham chance alguma. Pus cara séria de cientista social e entendido em desesperança econômica. Mas, veja, riram-se de mim. Contaram de sucessos alcançados, de tipo: “Conseguí um litro de leite!” “Meu filho agora tem um trabalhinho por uns dias”.

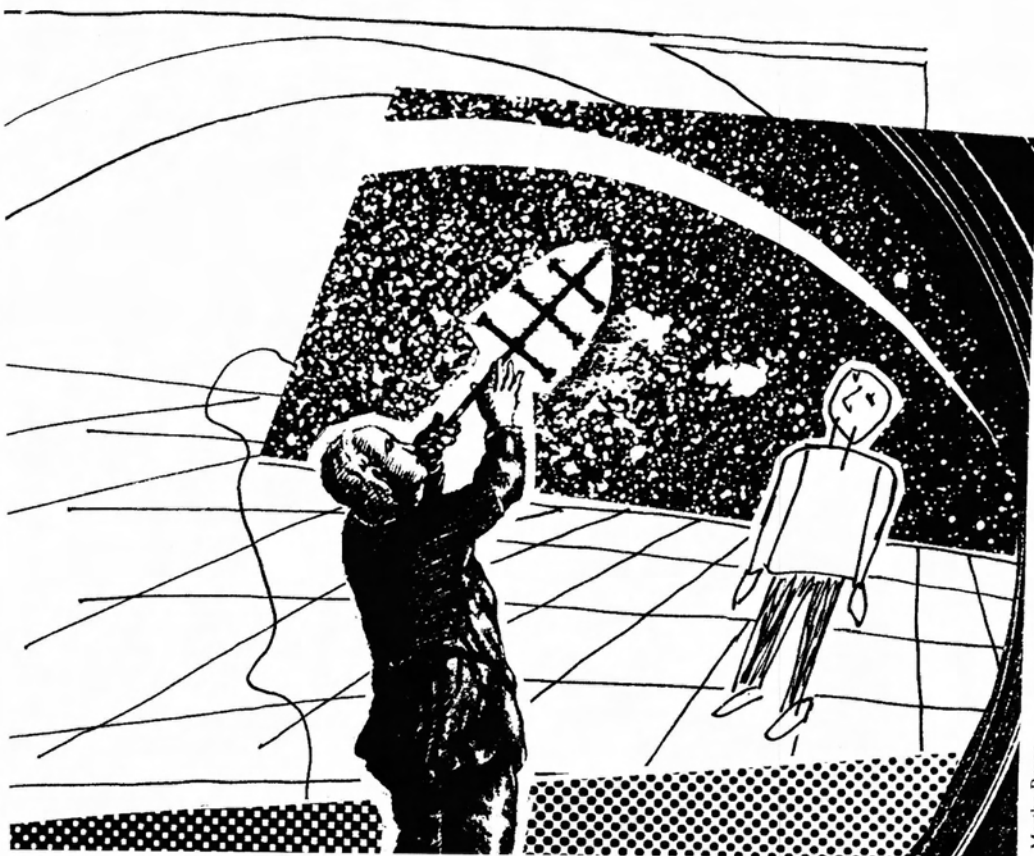
Eis, mistérios da eternidade!

É isso, eternidade não é meramente translado. Não transfere. Isso de eternidade é uma espécie de teimosia. Gente eterna é pessoal que não arreda.

É aquele intruso que não fora convidado à festa. Ao ser “gentilmente” intimado a retirar-se, vai ficando, dando um tempo, e, enfim, até encontra algum parente que justifica sua presença. Fica, apesar de...

Não há problema em que eternidade também seja translado. De modo algum esperanças, também as mais alucinantes, fazem mal à gente. Não são doença. São antes sobrevivência.

Por isso, não vai aqui crítica apressada às mil formas que imagi-



Martha Braga

A vela que se apaga é um sol que morre.
A vela morre mesmo mais suavemente que
o astro celeste. O pavio se curva e escurece.
A chama tomou, na escuridão que a encerra,
o seu ópio. E a chama morre bem: ela morre
adormecendo. (Bachelard)

namos para esferas eternas, espaços puros, céus reluzentes, templos celestes de ouro puro. Celeste porvir algum poderá intoxicar-nos para sempre.

Uns vêem anjos a voar, a visitar pessoas, a conduzi-los a novas esferas. Tenho escutado estórias encantadoras, quase infantis sobre tais viagens por constelações sem fim.

Outros se entusiasmam com figuras do eterno voltar. Morre-se e volta-se. Seria quase eterno tal eterno morrer e renascer.

E outras tantas normas há que nos elevam ao porvir celeste, à eternidade.

O que discuto e o translado.

Olhos que olham longe são suportados por pés bem fincados na terra. Vistas que se esticam ao horizonte exigem as pontas de nossos pés. Se por debaixo só há areia, a vista que longe se estica acaba por afundar, por balançar.

Quanto mais você se fixa no que vem, mais você ergue seu corpo. Sustenta-o só nas pontas dos pés. Aí se exige equilíbrio de seus músculos, firmeza de seus pés. Senão seus olhos lá no alto não se sustentam, não alcançam longe.

Corpos cambaleantes têm problemas com horizontes exuberantes. Antes, tombam. Seus olhos não

se mantêm dos altos. Ficam a irritar-se com os próprios dedões que não sustentam aqueles olhos esperançosos.

Eis o mistério da eternidade.

Não é só translado.

O que é eterno é terno, é também próximo, achegado. Esse jeito de ninho e aconchego.

E isso se dá mais ou menos assim.

Quando alguém fala de coisas eternas, os olhos se elevam. Transpõem montes, transferem-se a outras esferas. (Nada contra isso! Repito.) A gente vira os olhos para além. A respiração já não se agita. Estaciona em calma. Eternidade vira mar tranquilo. Agito comedido substitui correria diária.

Por nossas terras, nos acostumamos a sentir o eterno, mais ou menos deste jeito.

Mas, aí também está um tanto o limite de nossa própria cultura. Acostumou-se ao translado. É uma cultura de olhos esbugalhados no translado, para cima, para longe, para além.

Quando alguém fala de coisas eternas, bem que os olhos poderiam olhar também para dentro, e para baixo. Não acham?

Aí, por dentro de nós há tanto de eterno. Olhos a rigor não olham

para dentro. Mas é como se olhassem. São sonhos, sensibilidades estes olhos que nos consultam. Auscultam-nos. A eternidade dialoga com a gente, fala por dentro. Deseja com força pelo corpo todo. Este eterno foi sendo morto pela cultura em que circulamos, que nos padroniza. Sem a eternidade da alma que pulsa em nós, que formiga pela pele toda, que nos junta e costura, cola por dentro e cura por inteiro a



vida se empobrece. Apodrece. Na alma, que entenda como vida, o eterno tem seu templo.

Aí, junto a nós há tanto de eterno. Pode até não durar, mas tem faísca. Olhos nos olhos — que cena de faíscação. E um pratinho de sopinha —, um delírio para a criança da faminta dor. Aqueles olhinhos metidos no funto do prato se fazem experiência de eternidade para quem passa fome pela vida toda.

Eterno é tanto. Basta até que nessa cultura de tanta morte haja ao menos um eterno arrozinho.

Fica por aí que o eterno já é aqui.

Milton Schwantes, pastor na Comunidade Evangélica Luterana de Guarulhos/SP e professor de Bíblia no Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião do Instituto Metodista de Ensino Superior.

VARIAÇÕES SOBRE UM TEMPO, DOIS TEMPOS E MEIO TEMPO

Nancy Cardoso

Moro com meu filho Daniel, de dois anos, e a filha Clarissa de mais ou menos quatro anos. Divido com eles minha vida e meu tempo. Aqui, reúno um pouco de vida e tempo. Enquanto vou escrevendo sei que vou perdendo a experiência... o acontecido. Não se deixam fixar numa folha ou idéia. É que o tempo para as crianças não é uma idéia... são tempos.

Tempo de nascer e tempo de morrer
Tempo de plantar e tempo de arrancar a planta
Tempo de matar e tempo de curar
Tempo de destruir e tempo de construir
Tempo de pranto e tempo de riso
Tempo de ânsia e tempo de dança
Eclesiastes 3.1-4

Há tempo pra tudo e quase nada debaixo do sol desde que ela e ele vieram morar comigo.

A menina... esperei nove meses e a vida toda.

Como é diferente o tempo da gravidez... ! Enorme. São os dias e semanas mais compridos, dos meses maiores da vida da gente. Algumas vezes, o tempo corria ao contrário e me devolvia a menina que eu fui.

Fôla. Era assim que o meu pai me chamava num tempo esquecido que a gravidez foi me devolvendo. Lembrando do apelido com que só o pai me chamava resolvi que minha filha teria um nome que sugerisse um apelido e desde então eu sempre soube que seria "Cissa". E assim, cada vez que chamo a menina, volto no tempo e me encolho na cama, debaixo da colcha azul. "Pai! vem me dar boa-noite."

Desde que ela chegou as noites ficaram enormes e os dias bem curtos. No começo, as mamadas cada três horas, dividia o tempo em parcelas, capitâneas de me fazer comida, bico do seio na boca gulosa da menina.

Depois, cada quatro horas... num horário ritmado de aproximação e distância que garantia que cada uma de nós fosse experimentando a constância de estar sempre ali.

Até que hoje, já ficamos tanto tempo distante, eu no trabalho, ela na escola... mas aqueles seis meses primeiros já nos convenceram de que sempre vamos estar lá, onde a outra esperar.

Que seis meses aqueles! Inesquecíveis. Imperdíveis! Indormíveis...

aprender a dosar tempo e distância, necessidade e colo com quem já foi lá dentro da gente.

Tempo de atirar pedras e tempo de retirar pedras
Tempo de abraçar e tempo de afastar os braços
Tempo de procurar e tempo de perder
Tempo de perder e tempo de dissipar
Tempo de rasgar e tempo de coser
Tempo de calar e tempo de falar.
Eclesiastes 3.5-7

O menino esperei algumas horas no Fórum de uma cidade do interior. Nos vimos por cinco minutos e foi todo o tempo que tivemos pra nos acostumarmos com a idéia de ser mãe e filho.

O tempo dele fora e longe de mim: três semanas. Naquele instante eu não sabia dizer se era muito ou pouco tempo. Quando eu pensava no resto da vida, me convencia de que três semanas era quase nada e que teríamos muito tempo pra ir se fazendo família. Mas, se eu pensava nas três semanas de fome, incerteza, falta de colo e outras situações de risco pra quem é tão pequeno, eu sabia que três semanas era tempo demais... e me convencia de que teria de ser rápida pra deter esse relógio perverso do abandono que engole crianças pequenas quando ainda estão nascendo.

Vimos de avião: ele parecia um pequeno pacote no meu braço e eu queria mais do que nunca chegar a casa e descansar perto da filha, irmã

Gianne Carvalho / Imagens da Terra

O tempo é uma criança brincando, jogando. É o reino da criança. (Heráclito)

dele. O menino que chegou sem avisar. Entendi o que estava acontecendo quando no dia seguinte me dei conta de que era 8 de março: dia internacional da mulher.

Minha filha me sorriu assustada naquela manhã e desde então nós duas convivemos com Daniel como se ele sempre estivesse lá.

Foi assim. O meu tempo e o das crianças. Desde então nossos relógios vão batendo juntos por aí... debaixo do sol.

Mas, quando chove, o tempo fica maior. Esticado. Demorado. As portas e janelas fechadas diminuem a casa e as crianças enormes não sabem o que fazer. Nem eu. Nem eu. Então é assim? A interferência do clima nas noções de tempo e espaço? ... filósofo enquanto tento não ouvir a bagunça que vem lá de dentro.

Cissa não se conforma com o tempo sem ela. Quando passamos na Avenida 7 de Setembro, conto que morei ali, menina, com meus irmãos e irmã. Ela pergunta: "E eu? Onde é que eu dormia?"

Não adianta dizer que ela ainda não estava lá... o tempo não existe sem ela. Ela insiste, atravessando a fina membrana do passado e se instalando definitiva e feliz no quarto que eu dividia com minha irmã.

Daniel tem um relógio lá dentro, entre músculos e vísceras, que avisa de modo pontual a hora de comer e de dormir. Ele e seu relógio não se separam nunca nestes enormes dois anos de vida. Precisam sempre de doze horas de sono que começa a contar no exato momento do sono. Ah! que assim deve ser bom: dormir cada instante de sono, atando as horas às necessidades mais simples do corpo. Acorda, me dá bom dia! e pede mamadeira: cronometrada aventura das doze horas de atividade intensa que sabe ter pela frente.

Cissa pensa muito no futuro. Faz planos e pergunta: "Quando amanhã acabar já chegou o dia de viajar?" Ou: "hoje já é amanhã?" Eu digo que não mas... fico na dúvida. Não é assim que os projetos e os desejos encurtam os dias e, de tanto querer que chegue logo a semana que vem eu nem sei mais que dia é hoje?

*Tempo de amar e tempo de odiar
tempo de guerra e tempo de paz*
Eclesiastes 3.8

Ela gosta mesmo quando uma coisa é "para sempre". Ainda não entendo bem quando gosta de usar esta frase famosa e definitiva. Acho que aprendeu nos vídeos de princesas e fadas. Repete cada vez que quer muito uma coisa: me pede uma caneta emprestada e diz "Pode ser minha para sempre?" Não entendo como se quisesse tomar posse da caneta. O que ela quer é estender ao máximo aquele instante mágico de brincar com minhas coisas. As coisas para sempre duram muito pouco. Sempre pra ela que tem três anos é uma qualidade e não uma quantidade de tempo. Acho que por isso ela pode terminar uma história dizendo assim: "nada era perfeito e foram felizes para sempre".

Ela junta o que vai ouvindo das pessoas e textos e vai reutilizando nessa lógica de um tempo fragmentado em pequenos momentos de sempre.

O tempo é assim pra ela e Daniel uma experiência bem próxima do prazer: se orientam pela vontade de comer e dormir, desmancham e montam frases e estilos de uma e outra coisa que vão juntando ao longo dos dias; encurtam e preenchem espaços de tempo com repetidas ações divertidas.

Pra elas não há necessidade de passar o tempo... elas atravessam as

horas sem a ansiedade do antes e do depois, apostando na inesgotável alegria das horas. Aquela.

Dividem o dia de acordo com essas experiências que vão fazendo: de manhã, é quando a Jura chega pra ficar com as crianças. "Se a Jura não chega... não tem manhã", explica minha filha com ar de sabedoria. E continua: "De manhã é quando o sol chega e a Jura também".

Quando brinca de relógio, sempre diz a mesma hora a qualquer hora. É só perguntar que horas são, Cissa responde: "Cinco e meia". Daniel resume: "cinco". É a hora que nos encontramos na escola e voltamos pra casa.

Esse modo de ir dizendo do tempo revela uma atenção desatenta em relação ao que vai acontecendo ao nosso redor. Se fico na cama até mais tarde, é porque é domingo. Domingo tem igreja e eu não trabalho. Então... louvados sejam os domingos. Ficamos os três na minha cama sem pressa. Domingo é assim. É assim que a semana começa e acaba. Como Deus... descansamos e reinventamos o tempo.

E aí, amanhã chega hoje e começa de novo a semana. Tanto faz. Que bem que faz!

Eu?... nem sempre sei viver assim, transfigurando o tempo, aprendendo as horas no meu corpo. Às vezes me emociono com as crianças e a imediata relação de prazer na divisão das horas. Tenho pouco tempo... debaixo do sol e perto delas. Ainda aprendo.

*Já que não sabes da rota do vento
nem do encorpar dos ossos no
ventre da grávida,
tampouco saberás da obra de Deus
aquele que faz o todo.*
(...)

E que doçura a luz!

E como é bom para os olhos ver o sol!

Eclesiastes 11. 5-7

Nancy Cardoso Pereira, pastora metodista.

VELHICE E TEMPORALIDADE

Anita Liberalesso Neri

A velhice, a experiência temporal, os ciclos de vida e o significado da morte são temas que comportam uma vasta quantidade de metáforas, todas elas profundamente entranhadas na experiência cultural e individual do Ser Humano

Metáfora comum em relação ao tempo é que ele é um fluxo contínuo e infundável, que provém do passado e corre rapidamente em direção ao futuro. Ao longo da sua passagem, sempre fugaz, vai arrastando fatos, sonhos e realizações. Às suas margens vão ficando os testemunhos dos nossos projetos e experiências e de nossas fantasias irrealizadas. Enquanto isso ele, o Todo-Poderoso, vai determinando o nosso destino: a velhice e a morte. Pode até a Carolina da canção não perceber, mas, ao passar, ele embranquece-nos os cabelos, mutila o nosso romantismo, produz a experiência e acende a sabedoria, mas também nos torna céticos, às vezes amargos. É ele o “mensageiro dos deuses”, cujo poder ultrapassa o espaço, a matéria, a energia e as mentes.

Cruel e enervante é o tempo, quando nos impede de fazer o que desejamos, por passar muito rapidamente, ou porque é tarde ou cedo demais para qualquer coisa. Frustrante é quando a falta de tempo impede-nos de fazer coisas: rir, escrever para os amigos, brincar, visitar os

parentes, ter prazer, estudar inglês, amar sem pressa, aprender informática, conversar fiado, ir à igreja, andar à toa, terminar aquela tese, contemplar as estrelas, arrumar os armários, enfim uma lista interminável de coisas grandes e pequenas, infundáveis como o tempo.

Embora saibamos que “há um tempo para todas as coisas, para viver, para morrer e para se regozijar”, em momentos de aflição e urgência é difícil viver de acordo com esse preceito do Eclesiastes. O tempo ganha aura de heroísmo quando lentamente se escoia da vida dos condenados e dos moribundos. Ganha ares ditatoriais quando o locutor de futebol anuncia, solene, que “O tempo passa, torcida brasileira!”. Ganha tom de profecia quando se diz “O tempo dirá”, e de tolerância, quando aconselhamos à namorada sofredora com um “Dê tempo ao tempo”. Assume tons de moralidade no “Não deixe para amanhã o que pode fazer agora”; de mau presságio na advertência da velha feia à jovem linda “Eu sou você amanhã”; e de lenitivo para os males de amor, pois “O tempo é o melhor remédio”. Diz ainda outro ditado: “O tempo apura o bom vinho”, assim como melhora as qualidades e intensifica os defeitos das pessoas.

O Homem como peregrino. Outra metáfora, estreitamente relacionada à do tempo enquanto passagem, é a da existência como uma viagem, na qual o Homem é um peregrino. O viajante tem que estar atento às experiências passadas, às percepções atuais e às expectativas futuras. Tem que estar constantemente aberto ao

novo, à descoberta, à surpresa e ao milagre. No entanto, o seu caminho não é linear, e o peregrino nada pode prever, porque existe sempre uma névoa difusa diante de seus olhos. Tudo o que se sabe é que a viagem é finita, que envolve riscos, que a sua duração é indeterminada, talvez curta demais — “Breve, a vida; longa, a arte” — e a vida toda é “um permanente aprender a morrer”, recitava Sêneca, anunciando nossas condições de transitoriedade e impermanência. Por estranho que possa parecer, no entanto, é possível ao Homem transcender essas condições mediante aqueles seus legados espirituais e materiais que permanecem após a morte, e assim, permitem a sua sobrevivência na memória dos semelhantes. O preceito “Gerar um filho, plantar uma árvore, escrever um livro”, que tem a ver com a geratividade e resume as tarefas que devem ser cumpridas pelos adultos, encerra, portanto, outro segredo: o da continuidade no tempo do grupo, a imortalidade.

O relógio e o calendário. Costumamos pensar, também, que o tempo é algo para ser gasto, dispendido e desfrutado; para ser demarcado, subjugado e controlado. O relógio e o calendário são os símbolos por excelência dessas intenções. Entretanto, em nossos dias, de simples artefatos destinados a registrar e a demarcar arbitrariamente a passagem do tempo, passaram a ser considerados como causadores dos eventos humanos. Assim, multiplicam-se os cursos sobre administração do tempo para executivos, quando na verdade deveriam chamar-se administração

... especialmente à medida em que se vai ficando velho, torna-se cada vez mais claro que as coisas não têm substância, pois o tempo parece fluir cada vez mais rápido e assim nos tornamos conscientes da liquidez dos sólidos. As coisas e as pessoas se tornam então reflexos e ondulações na superfície da água. (Alan Watts)

da vida, dos compromissos, das prioridades e das intenções. Come-se correndo, mal e em pé, “para ganhar tempo”. As novas tecnologias de informação põem em circulação conceitos de “tempo real” e de “realidade virtual”, em que é possível navegar no tempo, ao encontro do futuro ou de volta ao passado.

Algumas metáforas científicas sobre o desenvolvimento humano refletem e fortalecem essas metáforas intuitivas sobre a temporalidade e a velhice. É o caso de abstrações como “etapas”, “idades” e “fases” do desenvolvimento, que frequentemente são consideradas como determinantes do aparecimento ou da cessação de comportamentos e capacidades. Nessa perspectiva, o transcorrer do tempo, a troca de uma folhinha no calendário ou o apagar de mais uma velinha, são vistos como responsáveis, por exemplo, pela emergência da rebeldia nos adolescentes, da “idade dos porquês” nas crianças de três anos, da linguagem dos bebês, da sabedoria dos idosos e da responsabilidade pela prole dos adultos.

Será? Parece que não é bem assim e que acreditar no poder causal da passagem do tempo sobre os comportamentos provoca uma percepção distorcida sobre as verdadeiras causas do desenvolvimento. Muito mais produtivo para a nossa compreensão sobre a natureza humana é perguntar sobre quais são os eventos que

acontecem enquanto o tempo passa, e que são, eles sim, os responsáveis pelas transformações típicas das diferentes “idades do Homem”. Raciocinando dessa maneira, podemos admitir que as expectativas sociais sobre a “idade certa” para a emergência da rebeldia, dos “porquês” e da sabedoria, são fortes determinantes da maneira como os semelhantes vão lidar com o adolescente, a criança pequena e o idoso. O fato de os adolescentes também acreditarem que o normal e o esperado é serem rebeldes desempenha o seu papel, os hormônios talvez façam a sua parte, e então, pronto, há um conjunto de condições em interação que determinam que os jovens possam ter conflitos com adultos. Vale a mesma análise para a emergência da linguagem na criança, a qual depende em parte da prontidão biológica, em parte da estimulação ambiental. Pode-se dizer o mesmo em relação à curiosidade das crianças pequenas, a qual depende em parte da sua maturidade lingüística e cognitiva, em parte do interesse e do encanto dos adultos por perceberem que podem ajudá-las a descobrir o mundo e a socializar-se. Por fim, o raciocínio parece perfeito para ser aplicado à compreensão da sabedoria dos idosos — a experiência de vida acumulada ao longo dos anos vividos é seu principal determinante. A sabedoria não é algo naturalmente inerente à velhice, que aparece de repente, talvez como

Gianne Carvalho / Imagens da Terra



“O tempo não passa por nós. Somos nós que passamos por ele”

compensação ou “prêmio-consolação” para outras perdas. Alguns idosos são sábios, mas seguramente a maioria dos sábios que, vez por outra, cruzam o nosso caminho, são idosos.

O envelhecimento humano como metáfora. A velhice e a capacidade humana de evitá-la ou de controlar os seus efeitos é outro terreno fértil para metáforas de várias naturezas. Por exemplo, até o início do século XIX vigoravam três noções pré-científicas sobre o envelhecimento humano. A primeira era que ele seria uma decorrência do Pecado Original: mais do que ter que ganhar o pão com o suor do rosto e dar à luz entre dores, foi a perda da imortalidade que mais distanciou o Homem da condição divina. A segunda noção era que em algum lugar distante e misterioso existiriam pessoas que, mediante algum dom ou sortilégio, deteriam o segredo da imortalidade.



A terceira era que longe, em terras desconhecidas, cercada de perigos e desafios, existiria uma fonte milagrosa, cujas águas teriam o poder de restaurar o vigor e a juventude. Quem delas bebesse seria eternamente jovem. Caberia a alguns valentes iluminados sair em busca dessas preciosidades, arrostando perigos, dissipando fortunas, fazendo pactos com o demônio se preciso fosse. As sagas desses aventureiros, como se sabe, estão presentes nos contos e nas histórias de vários povos.

Com a expansão das ciências naturais ocorrida a partir de meados do século XIX, toda e qualquer explicação mítica, como essas a respeito do envelhecimento, passou a ser considerada como insatisfatória. O Homem do século XX foi ensinado a acreditar na supremacia da Ciência e na sua inesgotável possibilidade de explicar os fenômenos naturais e resolver os problemas da Humanidade. Nessa nova ordem não há lugar para a noção de que a morte é consequência do Pecado Original, nem para a idéia de que a imortalidade e a eterna juventude estão ao alcance da Humanidade, mediante expedientes mágicos ou sobrenaturais. A ve-

lhice foi associada com doença e decadência e a medicina foi entronizada como a fonte de cura e prevenção de todos os males causados pela passagem do tempo. Envelhecer bem passou a ser considerada uma responsabilidade do indivíduo em lutar contra o tempo, o destino e as adversidades do envelhecimento.

No entanto, apesar dos esforços de submeter a compreensão da natureza humana à disciplina das ciências, e mesmo com os avanços subsequentes das várias áreas científicas, não se pode dizer que tenha ocorrido o abandono total das concepções pré-científicas sobre o envelhecimento. Ao contrário, elas persistem, vigorosas, até hoje, apenas com outros nomes. Não se passa um mês sem que sejamos bombardeados por alguma novidade revolucionária proveniente da medicina, sobre a preservação do vigor e da beleza da juventude. Trombeteados por programas de variedades da tevê, artigos de revistas femininas e outros periódicos de notícias, os mitos atuais vão de cremes, remédios e cirurgias miraculosos a extratos de plantas ou de tecidos animais; da aeróbica à comida natural; das dietas aos spas para emagrecer e para relaxar corpo e o espírito. Os modelos prediletos da tevê e das revistas são as pessoas que, apesar da idade, permanecem belas, saudáveis e ativas; os que só envelhecem “por fora”, ou aqueles que desafiam o tempo, provando que afinal, a velhice é um “estado de espírito”. Elas em parte servem, como todas as metáforas sobre a temporalidade, para que compreendamos a natureza e o significado da experiência humana. Em parte, não se pode negar, servem para semear desilusões, contribuem para a existência de atitudes preconceituosas em relação à velhice e dão um falso sentido à temporalidade humana.

Interessantes possibilidades neste cenário. Quais seriam as alternativas conceituais atualmente disponí-

veis em gerontologia sobre velhice e a temporalidade? Será que essa disciplina, ainda tão jovem, tem potencial para resolver satisfatoriamente as nossas dúvidas quanto a essas questões? Evidentemente que essa não é uma agenda simples, mas há algumas idéias interessantes no cenário. Há duas idéias básicas veiculadas pela gerontologia atual sobre velhice e temporalidade. A primeira é que temporalidade é uma experiência construída pelo ser humano e a segunda que a temporalidade é um evento multidimensional. Examinemos rapidamente essas noções.

Tempo, construção do Homem. Dizer que o Ser Humano é o artífice de sua temporalidade significa que é ele

O viajante tem que estar atento às experiências passadas, às percepções atuais e às expectativas futuras

que constrói a sua experiência temporal, ou seja, não é a passagem do tempo que determina as suas ações ou as suas transformações. À medida em que se desenvolve, o Homem vai construindo a própria experiência de tempo. As crianças pequenas aprendem que a noite não causa o retorno do pai ao lar, assim como a Humanidade aprendeu que o Sol não é uma entidade que traz a luz e o calor. As ciências comportamentais aprenderam a dizer com mais clareza que a passagem do tempo não causa o desenvolvimento, mas que ele é função de numerosos fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais em interação. Hoje é comum na área do estudo do adulto e do idoso, considerar que a trajetória de desenvolvimento é construída por esses fatores, cuja ação vai se expressando por mudanças que indicam, para

A sabedoria não é algo naturalmente inerente à velhice

a própria pessoa e para os seus semelhantes, que ela é um adulto, um jovem ou um idoso. As alterações são registradas nos calendários e nas agendas sociais de desenvolvimento, e como boa parte dessas alterações são compartilhadas por um grande número de pessoas, tendem a ser consideradas como normais e esperadas. Para o indivíduo, estar de acordo com essa agenda social de desenvolvimento resulta em senso de “estar em dia”, ser “normal” e poder compartilhar experiências com os seus semelhantes. Casar-se, aposentar-se e ter o primeiro filho, conquanto possam trazer preocupações e perturbações momentâneas, são em geral vistas como “normais”, mas situações inesperadas, como doenças, acidentes, divórcio e desemprego tendem a ser experienciados como crises. Em resumo, nessa perspectiva, o tempo é uma abstração derivada de nossas experiências de ritmo, sequência e duração, que aprendemos a registrar com sofisticação cada vez maior, e serve para dimensionar nossas experiências individuais e coletivas de desenvolvimento.

O tempo e suas várias faces. A segunda idéia básica sobre a temporalidade utilizada hoje pela gerontologia é que o tempo é uma experiência de muitas faces, ou seja, uma experiência multidimensional. Nessa perspectiva considera-se que sua “passagem” é indicada por pistas provenientes de várias fontes de informação. Há as pistas fornecidas pelo ambiente natural, como, por exemplo, a alternância entre o dia e a noite e a repetição cíclica das estações do ano. Há os indícios oferecidos pelo organismo, exemplificados pelo ciclo menstrual, a gravidez, os

ciclos de vigília e sono e os ritmos orgânicos da respiração, digestão e circulação. Também nos baseamos em informações propiciadas pelo sistema de gradação por idades que vigora na sociedade, segundo o qual existe uma “época certa” para fazer determinadas coisas, como, por exemplo, comportar-se como criança, jovem, adulto ou velho, para namorar/noivar/casar/ter filhos. É certo que essas normas comportam muitas variações, conforme a época e a sociedade, e é certo também que, hoje em dia, elas estão em ebulição, mas de toda a forma têm forte poder de regular a vida das pessoas.

Outra face da temporalidade é constituída pela nossa experiência subjetiva. É assim que descobrir os primeiros cabelos brancos e ser avô ou avó pela primeira vez pode fazer com que nos sintamos velhos de um dia para outro, mesmo que não tenhamos idade para tanto. A dinâmica interna de envelhecimento de cada organismo, que resulta em progressivas alterações na capacidade de adaptação, é mais uma dimensão da temporalidade considerada pela gerontologia. Acredita-se que as falhas no funcionamento do organismo vão se acumulando, tornam-se mais frequentes e descontroladas, e que isso o conduza à progressiva desorganização e enfim à morte. São indicadores dessa desorganização os dis-

túrbios de sono e de regulação térmica apresentados por pessoas em idade avançada e o aumento da vulnerabilidade ao *stress* físico e psicológico que ocorre na velhice.

Na nova conceitualização da temporalidade, a idade cronológica continua sendo um elemento-chave, justamente porque não é possível pensar em desenvolvimento e envelhecimento, que são eventos de duração, ritmo e sequência, sem pensar em cronologia. Isso significa que a data do aniversário, o registro do nascimento, a agenda de cada um são importantes como pontos de referência para o acompanhamento e a avaliação de nossa trajetória de desenvolvimento, por nós próprios e pelos critérios socioculturais. Podemos, portanto, tranquilamente, continuar a nos comunicar e a compreender o mundo segundo as metáforas clássicas sobre o tempo. Nunca é demais, porém, lembrar de mais uma: “O tempo não passa por nós. Somos nós que passamos por ele”.

Anita Liberalesso Neri, professora titular e integrante do Núcleo de Estudos Avançados em Psicologia do Envelhecimento, da Faculdade de Educação, UNICAMP. Publicou diversos livros sobre o assunto: *Psicologia do Envelhecimento*, Papirus, Campinas, 1995; *Qualidade de vida e idade madura*, Papirus, Campinas, 1993 e *Envelhecer num país de jovens*, Editora da UNICAMP, Campinas, 1991.

VÍDEO

Fazendo Histórias – As Cebbs do Brasil

Está pronto o vídeo “Fazendo Histórias – As Cebbs do Brasil”. Apresentando as Comunidades Eclesiais de Base a partir de seus primórdios, suas lutas e martírios, suas provas de amor-serviço. O vídeo tem a colaboração das Comunidades do Maranhão, Bahia, São Paulo, Mato Grosso e Rio de Janeiro. Participam também do vídeo d. Pedro Casaldáliga, Leonardo Boff, d. Mauro Morelli, Milton Schwantes e outros irmãos e irmãs. O vídeo constitui um excelente subsídio em preparação ao Nono Encontro Intereclesial, que reunirá representantes das CEBs de todos os cantos do Brasil, em julho de 1997, em São Luís do Maranhão.

Maiores informações com: KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço
tel. (021) 224 6713 Fax. (021) 221 3016 Internet: koinos@ax.apc.org

QUERO UMA FITA AMARELA...

Rubem Alves



Ary Moraes

Os velórios causam-me duplo sofrimento. O primeiro é o sofrimento de contemplar o rosto sem vida de uma pessoa — de qualquer pessoa. O segundo é o sofrimento de ver a violência dos vivos contra o morto indefeso: todos os velórios, sem exceção, são violências estéticas.

No seu ensaio sobre o suicídio, Albert Camus afirma que o suicida prepara o suicídio como uma obra de arte. Não tendo conseguido dar beleza à sua vida enquanto vivo, espera que pelo menos a sua morte seja bela, em todo o seu horror.

Como chegou a esta conclusão? Andando pelo único caminho que há até a alma dos suicidas: a nossa própria alma. Camus deve ter examinado longamente a suas fantasias nas muitas vezes em que planejou a própria morte. É inevitável que todos os que pensam e sentem façam isso, ainda que nunca venham a executar os seus planos. Por analogia concluo que todos os que vamos morrer também gostaríamos que a nossa última cena fosse bela como uma obra de arte. Aprendi que, na tradição samurai, o guerreiro, sentindo a aproximação da morte, deixava de lado a espada e escrevia o último haikai — verso mínimo, imagem essencial — que ele desejava ver refletido nos olhos dos que ficavam. Cada repetição seria uma declaração de amor e uma confissão.

Seria preciso que os poetas e os artistas se encarregassem do morto, que fossem eles a construir a última cena. No entanto, inexplicavelmente, os vivos entregam o ente querido nas mãos de pessoas estranhas, especialistas na morte que, de tanto lidar com ela, acabam por banalizá-la e por se tornar insensíveis ao seu terror e à sua beleza.

As portas de alguns templos budistas no Oriente são guardadas por figuras de monstros horripilantes. Explicaram-me que são lá colocadas para fazer fugir os demônios. Nem mesmo os demônios suportam a feiúra. Penso que a parafernália dos sepultamentos é fabricada sob a inspiração de crença semelhante: é

Eu vim de ver... Vi o rio, vi-me
no rio. Sou o rio. Meu corpo,
águas de carne, também estão
grossas de lonjuras, saudades... E
vou como o rio, destecendo o fio,
pavio, vou como o pássaro voando
no rio ar... Ah! Se os pássaros
fossem de pedra, não poderiam
voar. Belos, leves, porque se vão
no que se vai... (Heládio Brito)

preciso que tudo seja horrível para que os demônios
fujam e deixem em paz aquele que morreu.

Nem mesmo as flores, belas por natureza, escapam.
Cada coroa é um ataúde de flores imobilizadas e amar-
radas, das quais se retirou a alegria e a leveza, colocan-
do-se em seu lugar horrendas fitas roxas e chavões es-
tereotipados escritos em letras douradas.

Ah! Como seria diferente se os vivos enfeitassem o
lugar da última cena com o mesmo amor com que en-
feitam as igrejas para os casamentos! Me contestarão
dizendo que os casamentos devem ser alegres e os en-
terros devem ser tristes. De acordo! Mas a tristeza pode
ser bela! Os pôr-de-sóis: não são eles infinitamente be-
los e infinitamente tristes? Eu gostaria que o meu veló-
rio tivesse a beleza de um pôr-de-sol...

Sugiro que, em vez de coroas de flores mumifica-
das, enviem-se para os velórios bromélias, orquídeas-
selvagens, azaléas floridas, bonsais, mudas de murtas
perfumadas e damas-da-noite que, após o enterro do
morto, deverão ser igualmente enterradas em algum
lugar e transformadas em jardim. É possível que o
morto, vendo esse gesto, sorria de felicidade...

Há também o horror dos objetos fúnebres, aqueles
horrendos suportes de metal de insuperável mau gosto
sobre que fazem descansar os ataúdes. E há também o
horror dos próprios ataúdes.

Quando vivi nos Estados Unidos morreu um conhe-
cido relativamente jovem. Sobre o seu rústico ataúde
de pinho nem sequer envernizado, sua esposa colocou
um longo lençol, no qual haviam sido costuradas cen-

tenas de folhas amarelas e vermelhas do outono... Nun-
ca me esqueci...

A revista *National Geographic* (setembro de 1994)
publicou uma curiosíssima reportagem sobre a arte da
fabricação de urnas funerárias em Gana, que são feitas
por artistas, de acordo com os desejos da pessoa que
vai morrer: peixes, barcos, águias, leopardos — qual-
quer forma é forma possível para a última morada.

Um bom arquiteto, ao planejar uma casa, presta cui-
dada atenção nos sonhos daqueles que vão nela mor-
rar. Acho que as urnas funerárias deveriam ser
fabricadas com cuidado semelhante. Quanto a mim,
preferiria que fossem de madeira nua, sem verniz, per-
fumada, preferivelmente pinho, de linhas simples: o
essencial, como um haicai...

E há também o horror das palavras que se dizem, “o
descanso eterno” que sempre me provoca arrepios de
pavor, “Deus chamou”, como se ele fosse um habitante
das sepulturas e desconhecesse as alegrias deste mun-
do, “está melhor assim”... Seria preciso que fossem ou-
vidas as palavras dos poetas, que nada sabem de outros
mundos, mas sabem muito da saudade:

saudade é o revés de um parto

saudade é arrumar o quarto do filho que já morreu...

Gostaria que os vivos sentissem como sentem os
suicidas: que preparassem a última cena como uma
obra de arte. Aquilo que Manuel Bandeira disse do seu
último poema é aquilo que aqueles que vão morrer de-
sejam para o seu último gesto:

Assim eu queria meu último poema

*Que fosse eterno dizendo as coisas mais simples e
menos intencionais*

Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas

Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume

*A pureza da chama em que se consomem os diamantes
mais límpidos*

A paixão dos suicidas que se matam sem explicação.

E que não se esquecessem da verdade daquilo que
Noel Rosa disse, com um sorriso:

Quando eu morrer

não quero choro nem vela

quero uma fita amarela

gravada com o nome dela...

Rubem Alves, teólogo, filósofo, poeta e psicanalista. Crônica extraí-
da de seu último livro *Sobre o Tempo e a Eternidade*, Papirus, Cam-
pinas/SP, 1995.

TEMPO, ESSE IRMÃO MAIS VELHO

Carlos Rodrigues Brandão

FLORES, GALOS, GALINHAS-D'ANGOLA

Há um tempo que flui das flores. Vem com o seu cheiro. Às vezes com as suas cores. Quem conhece bem o segredo das plantas sabe que cada flor tem a sua melhor hora num certo momento do dia. Que cada espécie de flor das grandes árvores escolhe um tempo do ano, às vezes, alguns dias, outras, alguns meses.

Entre os homens do campo com quem eu tenho convivido uma longa parte dos meus dias, desde tanto tempo, a mesma palavra: "tempo", serve para o tempo que *é*: a hora do dia, o dia da semana, o do mês, o mês do ano, o ano da vida, e serve para o tempo que *faz*: "fez sol e agora chove", "fez frio, faz calor". Isso deve

ser coisa só de algumas línguas, como a nossa; por isso elas são abençoadas. Deve ser triste falar dessas coisas em inglês.

Quando estou no campo, e isso acontece quase sempre, procuro aprender sobre o tempo com as pessoas de lá. A minha casa em Minas tem relógios, mas eu me acostumei a olhá-los às avessas. De manhã cedinho o canto dos primeiros galos (alguns deles inveterados madrugadores), e os pios de alguns passarinhos, um pouco antes de o dia clarear, anunciam uma hora entre as cinco e as seis. De uns tempos pra cá ficou difícil dormir depois dessa hora, pois um bando incorrigível de galinhas-d'angola (cocar em Goiás,

capote, em alguns lugares do Nordeste) apronta uma cantoria desafinada na beira da madrugada, capaz de acordar vizinhos três ou quatro quilômetros acima, na direção da Pedra Branca. Quando o dia clareia por inteiro e já é por volta das sete horas, no verão, uma algazarra de pássaros e, às vezes, até de macacos saúas na mata ajudam o sol a chegar de vez.

Eu primeiro me acostumei a ler nesses sinais e noutros à minha volta a "hora do dia". Depois eu vou atrás de um relógio para confirmar. Meus erros andam sendo cada vez menores. E não é só a posição do sol no céu. É tudo o mais, pois durante todo o dia, as plantas, as flores, os cheiros do campo, a força dos ventos, a for-



Carlos Brandão

e tece o tempo
e nesse enredo
o meu veleiro vai
e minha alma
anseia o seu alento.
o dia é isso e é só
e a aurora é de mim
o meu quinhão de brisa
ao vento.
ali me vôo, amigo: vou
e a passo lento viajo.
embora vago e a esmo
vá
eu sou o porto e a nave
e ao passamento ofertado
o que fui, e me acalento.

(Carlos Brandão)

ma das nuvens, a rotina do gado nos pastos em frente, tudo diz o tempo que é. E também diz, a leitores da natureza melhores do que eu, o tempo que vai fazer. “Vermelha alvorecida vem mal-encarada”. Algumas pessoas dizem que certos galos cantam diferente até dois dias antes de chover. E outros sabem ler no movimento das nuvens e no das formigas, a tempestade de amanhã. Eles erram de vez em quando, mas eu juro que menos do que as previsões da TV.

PRESENTE DIVINO A ÍNDIOS, CAMPONESES, POETAS

Pois é, quando não se tem uma televisão em casa e os tempos do dia não são marcados por um “plim-plim” previsível, e quando não se tem rádios nem micros que acendem na tela

a hora do dia, então os dias passam “naturalmente”. Outra linguagem, tão maravilhosamente regular, tão sutilmente imprevisível, começa a querer falar a quem se dispõe a escutá-la.

Mas quando o sentir do passar do tempo salta triste da sombra do sol para a infernal precisão milimétrica do relógio digital, e quando no cair da noite ele não é mais o do pio dos pássaros, mas o do “plim-plim”, então pouco a pouco parece que uma tão esquecida deliciosa experiência diária da vida vai se perdendo. Esse sentimento — presente de Deus aos índios, aos camponeses e aos poetas — de que, como no lento e nunca interrompido movimento da respiração do mundo, tudo flui e passa mas, ao mesmo tempo, volta e está aí.

É que da mesma maneira como sentimos todos os dias na pele do corpo e no rosto da natureza à nossa volta, que a cada momento de nós e do mundo existe um tempo que *é* e um tempo que *faz*, assim também, no tempo que *é*, no seu passar e fazer mover a arquitetura de tudo entre ritmos tão os mesmos e tão desiguais, há de novo uma diferença entre o tempo que *passa* e o que *volta*. Um tempo de Heráclito — tudo flui, tudo passa e não retorna mais — e um tempo dos astecas — tudo flui, tudo volta e tudo o que houve há de novo e tudo o que há agora, haverá outra vez. Um tempo de nossa dura, difícil e esperançosa tradição judaica e cristã, condenado à vocação da História, onde com saudade ou sem ela olhamos de volta o passado para aprender com ele as lições do presente e onde o presente é servo do futuro até quando uma eternidade prometida a mim e a todos tudo devore. E um tempo de alguns gregos e de alguns índios do Oriente e do Ocidente, onde a sina do futuro é retornar ao passado e onde no eterno retorno da vida à vida e da razão ao mito, tudo ao mesmo tempo é novo e é o mesmo: um outro tempo de uma mesma era, uma outra era de um

mesmo tempo, retornado, renascido como o sol todos os dias.

COMEÇA DE NOVO A FLORAÇÃO DAS PAINEIRAS

O mais estranho é que todos os dias todos nós vivemos a maravilha do cruzar destes dois tempos e nem sempre estamos atentos a isto. É claro. Quase ninguém mais sabe quando é a próxima Lua Cheia ou em que dia do ano cai o Equinócio da Primavera. Quase não se acendem mais velas à Lua Nova e pouquíssimas pessoas se dão conta — a conta dos olhos espantados, do coração cativo ao deslumbramento — de que ao longo da mesma estrada por onde passam todos os dias, começou de novo a floração entre o rosa-claro e o quase lilás das paineiras (está sendo agora! Rubem Alves e eu outro dia paramos duas vezes o carro na estrada, entre Campinas e Poços de Caldas, para fotografar e ver algumas paineiras que eram mais bonitas do que a saia dos anjos).

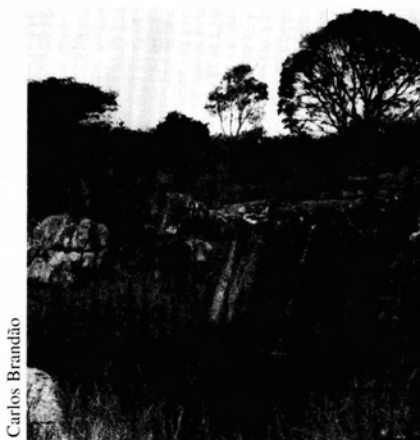
William Blake um dia disse isto: “O tempo é a dádiva da eternidade”. E o próprio Deus, eterno (será que ele gosta disso?) precisou de um tempo, filho e oposto da eternidade, para criar tudo. Pois Santo Agostinho lembra isso: “Não no tempo, mas com o tempo, Deus criou o Céu e a Terra”. Eu gosto de pensar isso assim: antes de criar as mulheres e os homens, Deus precisou descer da eternidade para então criar o tempo, que as pessoas habitariam. E depois gostou tanto do que fez que mais tarde mandou a pessoa do Filho vir viver entre nós um pedacinho da história do nosso tempo, em outros tempos. Por isso, desde a Criação, não foi o Paraíso, tão efêmero, e onde as coisas aconteciam sem acontecer, porque tudo era vivido fora da história, mas foi o tempo a nossa morada. Deve ser por isso também que as pessoas do campo acham difícil imaginar o céu e a eternidade (o tempo dele, não esquecer) de uma maneira teológica, isto é, abstrata. Um estranho lugar muito

azul e uma curiosa duração sem noites e sem dias, situados gloriosa e eternamente além do espaço e aquém do tempo. Não sei se exagero, mas sempre me pareceu, do que ouvi em verso e prosa tantas vezes, que o céu dos camponeses é uma série de histórias sem história, entre dias e noites de uma felicidade que não acaba nunca. Ali e sempre, onde os bem-aventurados que lá estavam e os que lá chegaram vivem para nunca mais uma sucessão ininterrupta de manhãs, tardes e noites maravilhosas, muito parecidas em tudo umas com as outras, mas tão plenas de tudo o que é merecidamente bom, que mesmo sendo tão iguais e tão parecidas com o que é bom nos tempos da Terra, nunca cansam e sempre maravi-lham.

Uma vez, quando eu era pequeno e estudava no Rio de Janeiro, alguém ensinou o seguinte sobre “o que é a eternidade”, em uma aula de religião: “Imaginem uma montanha enorme, dessas que ficam metade em cima das nuvens, toda de uma pedra muito dura. Imaginem que uma vez em cada 1.000 anos um passarinhozinho passa por ela e roça a pedra com a ponta das penas da asa, pois bem, quando às custas de haver feito isso ele conseguir acabar com a montanha, não deixando dela uma pedra só que não tenha virado areia, se terá passado um único dia na eternidade”. Eu achei aquilo horrível e, mais do que tudo, fiquei com muita pena do passarinho. Eu sonho um céu de passarinhos acordando todo mundo e deus toda a manhã. E, se possível, um céu com riacho de água clara, onde até mesmo Ele vá lavar o rosto quando acorda.

“PRESENTE ATUAL” — “PRESENTE DO PASSADO” — “PRESENTE DO FUTURO”
Mais do que no caso do espaço, pensar, sentir o tempo é alguma coisa que nos leva de um extremo ao outro: da eternidade infinita à fugacidade do mínimo momento. A tradição cristã — mas quantas outras, também —

sempre nos ensinou a acreditar como sendo a mais real, a menos ilusória, a eternidade habitada por Deus e prometida aos homens bons. Assim, a experiência da vida presente perdeu uma boa parte do seu sentido, pois ele nunca esteve nela mesma e antes mesmo de ser “dinheiro”, tempo foi “salvação”. “Salva-te enquanto há tempo!” Isto é: “Renuncia à experiência desejosa do momento presente (do presente enquanto um momento) em nome do futuro de um futuro: o teu, no destino irreversível da tua eternidade”.



Carlos Brandão

Mas é bom pensar que a própria eternidade e a sua abstrata ou concreta infinitude, poderiam ser sentidas como o fluir de um presente sem fim, bom para ser vivido a cada instante. Vejamos. Há um momento de uma de suas palestras na Universidade de Belgrano, em que Borges lembra Plotino, assim: “Plotino disse que há três tempos e os três são o presente. Um é o presente atual, o momento que falo. Quer dizer, o momento em que falei, porque esse momento já pertence ao passado. A seguir, há o outro, que é o presente do passado e que se chama memória. E, o outro, o presente do futuro, que vem a ser aquilo imaginado por nossa esperança ou nosso medo” (*O tempo, cinco visões pessoais*, Editora Universidade de Brasília, 1987, p.43).

Todo o mundo conhece outro pe-

queno escrito do mesmo Jorge Luis Borges, que começa assim: “Se eu pudesse começar de novo”... Ele escreveu isso pouco antes de morrer e ele mesmo anuncia a proximidade da morte no finalzinho do texto. E o que ele faria se pudesse “começar de novo”? Viveria mais os dias como horas, as horas como minutos, os minutos como segundos, como instantes. Mas não para tirar mais proveito de cada fração da vida, dia a dia. Ao contrário: para conviver com cada momento como se ele fosse uma preciosa visita, dessas que às vezes são breves, mas foram tão boas e deixaram uma lembrança tão querida, que só voltar a ela, no presente da memória (“presente” aqui deve ser lido com dois sentidos, pois é um tempo e um dom), já é uma festa de novo, uma felicidade. E do que povoar esses momentos, “se eu pudesse começar outra vez”? De um pouco mais de sorvete, de um tanto mais de pé-no-chão e longas caminhadas, inúteis, sem destino. De poder fazer tudo aquilo que por não ter uma utilidade para o tempo, pode conviver com ele apenas para isso mesmo: conviver.

E, talvez, das virtudes, seja esta a maior de todas, pois todas ensinam alguma coisa, mas esta ensina o sentido de todas. Porque amorosamente não havendo nada de útil nela, resta dela ela mesma e o seu proveito. Pois, quem sabe? É vivendo o saber do milagre do instante que a gente aprende a ser eterno. Na oferenda do livro de Borges que eu citei acima, uma amiga de Brasília, Márcia, escreveu este terceto, bom para se pôr fim a esta confidências de momento:

*um homem de mãos postas
retoca os cantos de Deus.
viver é acomodar-se ao infinito?*

Rosa dos Ventos, Bairro da Pedra Branca, quase no fim do verão de 1996.

Carlos Rodrigues Brandão, antropólogo e professor na UNICAMP, autor de vários livros.

TEMPO DE SILÊNCIO E TEMPO DE EXÍLIO

Ivone Gebara

Um dia alguns amigos me pediram: Fala-nos de teu exílio! Conta-nos algo desse silêncio no qual foste “obrigada” a entrar! Seria este um tempo diferente de outros tempos? Nele as horas transcorreriam em ritmo lento ou agitado? Alguma coisa de novo, de especial talvez, se revelaria neste tempo? Seria ele um tempo marcado pelo sofrimento, pela saudade e pelo sentimento de ter sido injustiçada? Ou há outra coisa que é vivida, experimentada e que poderia ser partilhada?

Não tenho respostas a todas as perguntas, mas o convite dos amigos me fez pensar, me fez cavar coisas em minha terra pessoal, me fez mover as águas de meu poço...

No fundo meu silêncio não é propriamente silêncio. É um falar de outro lugar...

E, desse “outro lugar”, confesso que até agora, não entendi as ordens dos que velam pela “ordem sagrada”. Não entendi seu raciocínio, seus temores e os caminhos de justiça e verdade que propõem. Sinto-os esconderem-se atrás de leis, de sistemas de pensamento, de disciplinas cheias de minúcias e vazias da densidade do cotidiano.

Escrever algo desde o meu silêncio e o meu exílio seria quebrá-lo? Creio que não quebro nada, e isto graças, em grande parte, à obra dos amigos e amigas. Para eles meu exílio e meu silêncio não existem porque dialogamos na “pátria da amizade”, pátria onde não se caça a palavra, mas se abre o caminho para a expressão livre e para as confidências.

Os amigos não exilam, não mandam calar. Os amigos encontram meios para se comunicar, para exigir que se cumpra o direito à palavra e

para povoar a dura solidão. E é isto que faço hoje. Respondo ao direito dos amigos, partilho e faço confidências. Confidências sobre meu tempo, sobre este tempo especial cheio de aprendizagem e desafios. Mais do que a saudade da casa, dos rostos que amo, mais do que a saudade do calor, do mar, do céu e das palmeiras, mais do que a saudade dos vizinhos, o tempo de exílio está sendo um tempo de descoberta.

Primeiro, descoberta de outros exilados... Sim porque meu exílio é exílio “dourado”, no qual o “silêncio obsequioso” se tornou convite à palavra, à curiosidade, ao interesse e à solidariedade de muita gente. Mas aqui, na capital da Europa, os verdadeiros exilados, os refugiados são bem guardados e maltratados. Vivem quase como prisioneiros em antiga caserna. São vigiados por cães, cavalos e cavaleiros bem armados.

Não são quaisquer exilados que merecem um tal tratamento. São os pobres, aqueles que, para onde quer que se mudem, são marcados e sua “marca” é facilmente reconhecível. Basta olhar para seus rostos, sua cor, seus costumes. Basta verificar nos seus bolsos e bolsas. Não têm cartão de crédito, nem cartas de recomendação, nem seguro saúde. Seus documentos não estão em “ordem”, sua vida não segue “a ordem”... Mal falam a língua do país, mal sabem distinguir os rabiscos dos papéis que os obrigam a ler e assinar. Estão pedindo simplesmente asilo, talvez para morrer fora da pátria, porque embora tenham pátria, ela já não é mais a *mater* que acolhe seus filhos. A “pátria-mãe” é dominada por poderes de pais destruídos, hierarcas nacionais e internacionais, racionais e irracionais...

Olhando estes exilados e exiladas meu exílio é “dourado”, é cheio de privilégios. Tenho a musical companhia de Bach e de Beethoven, tenho pão, queijo e vinho, tenho surpresas agradáveis vindas de novas e velhas amizades. O exílio deles e delas é acompanhado pelo medo constante. A qualquer hora pode vir uma ordem de fim de asilo, de recomeço de um terror do qual fogem quase sem pensar. Vivem um tipo de silêncio quase insuportável. Têm que se calar aos gritos de soldados e às ironias que lhes são feitas. Têm que engolir os insultos e a vontade imensa de reagir.

Meu exílio é exílio de quem sabe que pode voltar, de quem pode até recusar o exílio, de quem pode “afastar este cálice”...

O tempo de exílio está sendo de fato um tempo de descoberta...

Estou descobrindo um silêncio interior que a cada dia se impõe a mim. É a própria vida que me convida a vivê-lo... O “palavrório” ou as teorias sobre tudo e todos são tantas. As exclusões de uns e outras são tantas... A liberdade da qual se fala é tão desfigurada que já não se sabe mais o que é “isto” que chamamos liberdade.

Há um ruído de vozes e máquinas quase ensurdecedor, ruído que abafa a música das coisas e das pessoas. Sinto, às vezes, que perdemos “algo” sem saber bem o quê, e buscamos na noite escura esse “algo” com as lâmpadas semi-apagadas.

Seria este um sentimento próprio ao exílio? Creio que não. Já senti isto muitas vezes antes de pisar por estas terras. Hoje sinto que em mim algo se aprofunda, se faz mais carne de minha carne. Não se trata de sair da luta, mas de buscar outros caminhos

Toda saudade é uma espécie de velhice. (Riobaldo, personagem de Guimarães Rosa)



Cesar Lapa

para enfrentá-la. Não se trata de entrar “em retiro”, mas de escutar as outras vozes que se escondem atrás do ruído.

O sentimento de que não se conhece mais “o caminho” parece introduzir-se em todas as coisas, até nos mais íntimos pensamentos. Aí também a experiência da fragilidade e da beleza da vida parece irromper com força. Experiência que dói e faz bem, fere e cura, angustia e abre brechas de esperança. Estranho paradoxo, palpado de maneira mais intensa no silêncio do exílio.

Meu silêncio de meio século vivido me expõe de certa forma a mim mesma, ao que vivi e ao que me resta viver. E quisera que o “resto” que me resta fosse algo simples e bonito...

Acho que é porque sentimos uma beleza escondida nas coisas, uma integridade que se sustenta apesar da destruição, que os gritos de guerra, as forças de destruição, os discursos de conquista nos ferem a alma e nos repugnam a cada dia mais. Sim, nos

ferem a “alma” porque ferem nosso mundo, nosso corpo, nossos sonhos. E aí o “desejo da beleza”, uma beleza que é nossa carne de justiça, queima como a sede nos dias de intenso calor ou como a saudade de alguém que se foi.

A beleza da vida reaparece como vivência simples, como frágil vivência. A beleza da vida reaparece como saudade difícil de expressar.

Quais serão os próximos acordes de minha partitura? Os próximos tempos de meu tempo? O tempo de exílio é tempo de pergunta sobre o “próximo tempo”.

O tempo de “hoje” é povoado pelo tempo da “volta”, pelo tempo do amanhã.

O exílio impôs a mim mesma um silêncio interior, dizia eu. Silêncio das pessoas que sabem que “não sabem”. Silêncio das pessoas que querem continuar na luta, sem trégua, da justiça e no incansável caminho da misericórdia. Silêncio das pessoas que percebem a inconsistência dos

discursos teóricos sobre Deus, a inconsistência dos poderes que se estabelecem em nome de Deus, inconsistência das ordens dadas em nome de Deus! O tempo de silêncio me leva até a um certo “a-teísmo”. De tanto ouvir palavras sobre Deus, em nome de Deus, por causa de Deus, busco o silêncio de Deus. Não para silenciar o Mistério Maior, mas para não ouvir mais as certezas dos donos do saber religioso.

No exílio, tudo se move diferentemente. Parece que os exilados quase não falam, mas as coisas falam em nós, doem em nós, sofrem em nós...

No exílio, se espera o imprevisto, o acontecimento que poderá abrir caminhos diferentes, acender lâmpadas que permitam ver mais e tropeçar menos...

O exílio é povoado de esperança... Esperança, nome de mulher.

Conheci por aqui alguma *Esperanza*, *Maria de la Esperanza* ou simplesmente *Esperanza*... esperando a esperança de seus nomes, carregando no corpo uma firmeza apenas conhecida a cada passo.

E nos seus passos cotidianos acabam revelando o conhecido e o desconhecido de cada esperança.

Tempo de exílio: tempo de aprendizado, tempo de saudade, tempo de espera, tempo de gravidez de alto risco, tempo de aposta no tempo que virá.

Bruxelas, março de 1996.

Ivone Gebara, teóloga católica.

PROJETO DE HIDRELÉTRICA PÕE EM RISCO SOBREVIVÊNCIA DA POPULAÇÃO RIBEIRINHA

A OUTRA FACE DO JEQUITINHONHA

Mariângela Castro

Moradores vivem da agricultura de subsistência e da mineração, além de serem detentores de uma das culturas mais ricas do País. Mas barragem pode produzir milhares de sem-terra e sem-teto

Conhecer o Vale do Jequitinhonha é estar sujeito a muitas surpresas. Conhecido como o “Vale da Miséria”, o visitante chega ao local com uma idéia já formada de que verá crianças barrigudas, vítimas potenciais da verminose e da desnutrição, populações rurais sem assistência à saúde, à educação e sem condições algumas para plantar, em função da seca. Ledo engano! Se há miséria, ela não é generalizada. Boa parte da população rural, que vive no cerrado, tem como sobreviver. Apesar de viverem em precárias condições de assistência à saúde, à educação e de saneamento básico, as famílias moram em terras próprias, a maioria delas herdadas de seus antepassados. E com a ajuda do rio Jequitinhonha plantam de quase tudo: arroz, feijão, milho, café, cana, frutas e verduras. Grande parte das famílias possui também criação de animais domésticos, além de retirar dos rios da região, o principal deles o Jequitinhonha, peixes, ouro e diamantes. (O Vale foi conhecido até o século passado como região mineradora. Houve a decadên-

cia da mineração, mas ainda se encontram minerais nos rios locais, o que garante a sobrevivência das famílias em época de seca.) A comunidade do Jequitinhonha tem cultura própria, uma cultura aliás muito rica e reconhecida no País inteiro. O artesanato e a música regional são os seus destaques culturais.

Portanto, pode-se dizer que a maioria da população do Jequitinhonha não é rica, mas vive com dignidade, totalmente integrada à natureza e em seu meio social. Tem condições naturais de subsistência e não há nenhum registro de conflitos de terra. A convivência entre as famílias é

pacífica e a solidariedade entre os pequenos produtores rurais é comovedora. O sistema de trocas de mercadorias ainda funciona e garante mais diversidade na aquisição de gêneros alimentícios e até de material para a construção das casas. Ninguém precisa sair da terra para buscar recursos de fora, a não ser que assim queira para melhorar um pouco de vida. Por isso, embora com menos ocorrências hoje, é comum chefes de famílias migrarem para São Paulo a fim de trabalhar no corte da cana. O serviço em São Paulo é temporário. Os chefes de famílias permanecem no estado o tempo sufi-

Barragem do Jequitinhonha cria resistências



ciente a fim de obter recursos necessários para a sobrevivência em época de seca.

Lógico que a comunidade rural necessita de assistência técnica para desenvolver a agricultura, como também de mais investimentos em educação, saúde e saneamento básico. O problema maior é que as autoridades governamentais abandonaram o Vale e seu povo. E, mesmo com o abandono, o povo tem dado exemplo de força e organização.

RISCO DE MAIS SEM-TERRA

Mas algumas comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha estão ameaçadas de perder tudo isso. O mais grave é que correm também o risco de engrossar as estatísticas dos sem-terra no Brasil, perder as raízes culturais e a convivência de tantos anos com amigos e até familiares. É que existe um projeto, desenvolvido pela Cemig, a empresa de energia elétrica de Minas, para a construção da

hidrelétrica de Irapé em áreas dos municípios de Berilo, Botumirim, Cristália, Grão-Mogol, Minas Novas e Turmalina. Será uma das barragens mais altas do mundo (185 metros de altura). Cerca de 130 quilômetros do rio Jequitinhonha e mais 60 quilômetros do rio Itacambirucu serão inundados. O projeto prevê a viabilidade econômica do investimento, que possibilitará mais energia elétrica para o estado e o País, mas em nenhum momento faz previsões que garantam o assentamento das famílias que ficarão sem suas terras, de forma a assegurar-lhes o mesmo nível de vida.

Até agora a Cemig tem preferido adotar o discurso de que no Vale do Jequitinhonha a terra é pouco fértil e sua população vive em total miséria. Assim, espera que, no momento das indenizações, pague um preço muito baixo pelas terras e benfeitorias. O resultado será uma tragédia sem precedentes, prevêem moradores e lideranças populares e sindicais da re-

gião. As famílias desapropriadas, sem condições de adquirir uma terra melhor pelo baixo preço da indenização, acabarão ficando sem nada. A maioria das terras que sobrarão no Vale são atualmente utilizadas para o plantio do eucalipto.

O IMPACTO AMBIENTAL

A empresa encomendou estudos de viabilidade e o Relatório de Impacto Ambiental (RIMA), que lhe custou US\$ 1,2 milhão. Esses estudos estão prontos e, no momento, se encontram na Feam (Fundação Estadual do Meio Ambiente) para aprovação. A lei exige que qualquer empreendimento que envolva impacto ambiental deve ser objeto de estudos do impacto ambiental e socioeconômico. Só pode ser concretizado com a aprovação do órgão oficial do meio ambiente. O Rima da usina de Irapé não diz como ficarão as famílias atingidas pela barragem, se limitando a informar que suas terras devem ser desapropriadas.

MORADORES SE ORGANIZAM E EXIGEM TERRA POR TERRA

O povoado de Peixe Cru, localizado em Turmalina, conta hoje com 29 famílias e será o único a ser totalmente inundado pelas águas da barragem. O local recebe luz elétrica, e conta com uma creche, uma escola da primeira à quarta séries, uma associação comunitária, a igreja de Bom Jesus e de um posto de saúde em construção. O morador mais antigo é seu Elídio Masculino Costa, de 84 anos. Ele nasceu na comunidade e herdou de seu pai a terra onde mora que, por sua vez, já passou por duas gerações da sua família, a de seu avô e a do bisavô.

Sabendo da presença da reportagem no povoado, os próprios moradores se organizaram, decidindo conceder entrevista coletiva. Pelo

menos trinta pessoas participaram e nenhuma delas demonstrou vontade de sair do povoado. "Aqui, a terra nos dá tudo, até remédio para curar doenças", afirmou Maria Ferreira Muniz, endossada pelos colegas. Ela mora há 55 anos em Peixe Cru. Criou seus filhos e, agora, ajuda a criar os netos.

O secretário-geral do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Turmalina, José Antônio Andrade, membro da comissão dos atingidos pela barragem de Irapé, lembrou que a Cemig em momento algum discutiu a questão com os moradores: "As informações têm chegado às comunidades através da comissão", acrescentou.

Fonte: Arquivo da autora.

ESTUDO REVELA MAIS DESVANTAGENS

São vinte pontos negativos contra apenas cinco positivos, conforme o RIMA. A construção da barragem traz prejuízos tais como: morte de espécies animais e vegetais em extinção; supressão da vegetação nativa; aumento de declividade e remoção dos solos; e, ainda, inundação de patrimônio natural, histórico e arqueológico. A barragem atingirá pelo menos quatorze sítios arqueológicos e inundará 14 mil hectares de cerrado. O cerrado, aliás, é um dos biosistemas de maior variabilidade animal e vegetal ameaçado de extinção.

Outro prejuízo para a população é que o lago a ser formado pela hidrelétrica não poderá ser utilizado para irrigação, conforme o próprio

estudo da Cemig. Isto porque não haverá muita variabilidade no nível da água.

De acordo com a Cemig, 2.885 pessoas terão que deixar suas casas e terras, em função da inundação. Mas a Comissão de Atingidos pela Barragem Irapé, formada para negociar indenizações dos posseiros e que conta com representantes de moradores e de entidades populares e sindicais, entre elas, o Campo (Centro de Assessoria aos Movimentos Populares



Resistência popular à construção da barragem na comunidade de Peixe Cru

EM JACUBA, GRANDE PRODUÇÃO DE CACHAÇA

No povoado de Jacuba a mesma cena: os moradores se organizaram e reuniram na escola local para contar sobre a preocupação de terem que sair do local. Em Jacuba a produção de cachaça é significativa. Quase todo mundo tem um alambique em casa. Também há o artesanato. Os produtos são vendidos nas feiras das cidades vizinhas.

Dona Maria Pereira de Jesus, de 90 anos, nasceu no povoado. Criou os filhos, netos e hoje vê os bisnetos crescerem. Demonstrando uma lucidez fora do comum, ela avaliou: "Fora de Jacuba tudo precisa de dinheiro", questionando ainda: "Se sairmos daqui, nós vamos para onde? Para debaixo da ponte?".

Uma das grandes preocupações dos moradores é quanto à questão legal da posse da terra. Muitos deles não têm documento comprovando a posse, mas a comissão dos atingidos pela barragem de Irapé tem bus-

cado negociar com a Cemig a indenização para as pessoas nesta situação.

Para a construção da barragem a Cemig necessita da autorização dos prefeitos das cidades com áreas a serem inundadas. Esta autorização já foi assinada, sem nenhum conhecimento dos moradores. A obra interessa diretamente às prefeituras locais, visto que, conforme o RIMA, as cidades com terrenos inundados receberão uma receita mensal proporcional à geração de energia. É o jovem lavrador, João Antônio Rodrigues de Souza, de 26 anos, nascido em Jacuba, quem expressa melhor a revolta dos moradores com a falta de diálogo entre os municípios e as comunidades atingidas. "Os prefeitos assinaram a autorização com a Cemig e não falaram nada com a gente. Eles dizem que a represa trará progresso e sem saber nossa situação, passam por cima de tudo".

Fonte: Arquivo da autora.

os empregos serão temporários. Para a construção da usina, vão ser necessários cerca de 1.700 trabalhadores, mas quando a hidrelétrica estiver operando só vai precisar de 25 a 30 empregados. "Com isso, 5 mil empregos serão extintos, se se levar em conta que as pessoas a serem expulsas do local têm na terra seu emprego e a subsistência", contrapõe a Comissão.

Toda a obra, segundo a Cemig, vai custar cerca de US\$ 400 milhões. A empresa pretende gastar com as indenizações somente 1% dos custos totais da obra, o que daria apenas US\$ 4 milhões, valor muito pequeno para garantir o mesmo ou melhor nível de vida para todas as pessoas ameaçadas de perderem a terra. O próprio Rima prevê que haverá especulação imobiliária na região quando estiverem ocorrendo as desapropriações.

do Vale do Jequitinhonha) e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Turmalina, estima que 5 mil pessoas serão expulsas de seus lares. A comissão tem questionado o Relatório e vem tentando com a Feam barrar a aprovação até que a Cemig garanta indenizações justas.

"PROGRESSO"

Uma das alegações da Cemig é que as obras da barragem trarão para a região mais empregos e progresso. Só que esqueceu-se de dizer que no Vale não há mão-de-obra qualificada, devido ao fato da população ser predominantemente rural. Além de tudo,

Esta reportagem foi produzida pela Assessoria de Imprensa do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Energética de Minas Gerais (Sindieletrô). O texto é da jornalista Mariângela Castro e as fotos de Benedito Maia.

ÍNDICE DE TEMPO E PRESENÇA 1995

Autores

- ADDOR, Carlos Augusto. *Proposta libertária para a sociedade brasileira*. 17(283): 18-21, set./out.
- ADRIANO FILHO, Jose. *Tu me seduziste, Javé, e eu me deixei seduzir*. 17(280): 41, mar./abr.
- ALVES, Rubem. *A solidão*. 17(280): 15-8, mar./abr.
- _____. *O acorde final*. 17(283): 40-2, set./out.
- _____. *Os mapas*. 17(284): 40-1, nov./dez.
- _____. *O telefone*. 17(281) 40-1, mai./jun.
- _____. *Com olho de peixe*. 17(279): 38-9, jan./fev.
- _____. *Sobre deuses e rezas*. 17(282): 30-1, jul./ago.
- ARAÚJO, Eliasi; TUPINAMBÁ, João Claudio Arroyo; ROTHE, Marga. *Pequena ousada iniciativa no Norte do País*. 17(282): 24-5, jul./ago.
- ARAÚJO, Zezito de. *Zumbi dos Palmares*. 17(283): 11-3, set./out.
- ARROCHELLAS, Maria Helena. *Fantoches: artistas no tecido social*. 17(282): 26, jul./ago.
- ARRUDA, Marcos. *Globalização e ajuste neoliberal: riscos e oportunidades*. 17(284): 5-9, set./out.
- AZZI, Riolando. *O catolicismo luso-brasileiro*. 17(281): 29-31, mai./jun.
- BARROS DE SOUZA, Marcelo. *Segredos da solidão que o silêncio vem contar*. 17(280): 19-22, mar./abr.
- _____. *Campeonato de quebrar imagens*. 17(283): set./out.
- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *Cristianismo: uma utopia no sertão*. 17(283): 14-7, set./out.
- BASE-IS. *O neoliberalismo e o setor agrário*. 17(284): 23-4, nov./dez.
- BITTENCOURT FILHO, José. *Desejos e campo religioso*. 17(281): 32-4, mai./jun.
- _____. *Sobre teologia e economia*. 17(284): 31-2, nov./dez.
- LOFF, Leonardo. *O carisma é uma força cósmica nas pessoas*. 17(280): 12-4, mar./abr.
- BORTOLLETO FILHO, Fernando. *Massa que se faz povo... Vida brotando da morte*. 17(281): 45-6, mai./jun.
- BOTAS, Paulo Cezar Loureiro. *Da Bíblia e da espiritualidade*. 17(279): 30-1, jan./fev.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *Aproximação das igrejas? avanços e retrocessos*. 17(282): 34-6, jul./ago.
- CADERNOS DO TERCEIRO MUNDADO. *O Ressurgimento do islamismo*. 17(280): 36, mar./abr.
- CALVILLO, José Luis. *Contribuição de Chiapas, México: elementos de um messianismo indígena*. 17(283): 42-3, set./out.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *O ecumenismo e os novos movimentos religiosos*. 17(279): 22-4, jan./fev.
- CARRION JUNIOR, Francisco. *Trabalhismo: evolução e propostas*. 17(283): 33-4, set./out.
- COSTA, Jurandir Freire. *A sedução dos objetos*. 17(280): 5-8, mar./abr.
- CUNHA, Magali do Nascimento. *A esperança está viva*. 17(279): 35-6, jan./fev.
- _____. *O desafio da AIDS/SIDA às igrejas no Brasil: a esperança é a última que morre*. 17(284): 42-4, nov./dez.
- CUT-PARAGUAI. *A implantação do modelo neoliberal e o sindicalismo*. 17(284): 22-3, nov./dez.
- DIOGO, Doris Rangel. *Telespectadores em cena: Análise de cartas a um ídolo da TV*. 17(281): 23-5, mai./jun.
- FONSECA, Alexandre Brasil. *Possibilidades na construção da cidadania: religiões e meios de comunicação de massa*. 17(281): 35-8, mai./jun.
- _____. *Políticas públicas e desenvolvimento: o exemplo dos reassentados de Itaparica*. 17(284): 37-9, nov./dez.
- GAIGER, Luiz Inácio. *As microexperiências populares: novas malhas de um tecido social*. 17(282): 11-3, jul./ago.
- GALANO, Ana Maria. *Cultura de massa: Dois tempos e algumas questões*. 17(281): 13-4, mai./jun.
- GARCIA, Paulo Roberto. *Ressurreição e exclusão...do corpo*. 17(284): 45-6, nov./dez.
- GEBARA, Ivone. *Sedução*. 17(280): 9-11, mar./abr.
- _____. *O exílio de uma abelha*. 17(281): 39, mai./jun.
- GOMEZ DE SOUZA, Luiz Alberto. *Um tecido social em mutação*. 17(282): jul./ago.
- HERSCHMANN, Micael. *Nova York não é aqui: Funk e rap na cultura carioca*. 17(281): 20-2, mai./jun.
- IULIANELLI, Jorge Atílio. *Igrejas, movimentos sociais e movimento sindical*. 17(284): 28-30, nov./dez.
- KONDER, Leandro. *Uma inspiração generosa - Entrevista*. 17(283): 29-32, set./out.
- LIBÂNIO, João Batista. *Massa e comunidade*. 17(281): 26-8, mai./jun.
- LONGUINI NETO, Luiz. *Novos tempos com Lutero*. 17(282): 39, jul./ago.
- LOPES, Nei. *Zumbi, guerreiro banto*. 17(283): 11-14, set./out.
- LOPES, Paulo R.C. *Iniciativas locais na luta contra a exclusão social*. 17(282): 14-6, jul./ago.
- MARTINS, José de Souza. *A questão agrária nos dilemas da governabilidade*. 17(249): 14-7, jan./fev.
- MELLO, Marco Antonio da Silva & VOGEL, Arno. *A Guerra Santa do Contestado*. 17(283): 18 set./out.
- MO SUNG, Jung. *A luta continua*. 17(279): 32-4, jan./fev.
- MONSERRAT, Ruth Maria Fonini. *Convívio na diferença*. 17(284): 47, nov./dez.
- MOREIRA, Elio Raymundo. *Seca no Ceará*. 17(282): 27-8, jul./ago.
- NOLASCO, Sócrates. *A condição masculina*. 17(280): 31-2, mar./abr.
- PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *A renúncia aos estereótipos*. 17(280): 43, mar./abr.
- PORTELLA DE CASTRO, Maria Silvia. *Mercosul: estágio atual e perspectivas*. 17(284): 33, nov./dez.
- PRESTES, Anita Leocádia. *A Coluna Prestes e o liberalismo radical dos "Tenentes"*. 17(283): 26-8, set./out.
- RAMALHO, Jether. *Historiadores*

- analisa a Igreja. 17(282): 32-3, jul./ago.
- RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. *A flor mais linda do meu querer: impressões sobre a situação atual de Nicarágua*. 17(281): 42-4, mai./jun.
- _____. *Descobrir a direção do vento*. 17(279): 18-21, jan./fev.
- RODRIGUES DA SILVA, Marcos. *Desafio de uma teologia negra*. 17(279): 25-6, jan./fev.
- ROLEMBERG, Eliana. *Projetos alternativos comunitários na reconstrução do tecido social*. 17(282): 17-9, jul./ago.
- RONDELLI, Elizabeth. *Da massa às interações comunicativas*. 17(281): 9-12, mai./jun.
- RONSINI, Veneza Mayora. *Cultura popular e meios de comunicação de massa*. 17(281): 15-6, mai./jun.
- ROTHER, Rosa Marga. *Questões de gênero numa perspectiva ecumênica*. 17(279): 27-9, jan./fev.
- _____; ARAÚJO, Eliasi; TUPINAMBÁ, João Cláudio Arroyo. *Pequena ousada iniciativa no Norte do País*. 17(282): 24-5, jul./ago.
- RUFINO, Joel. *Entre a alegria e a diversão, lembranças e esquecimentos*. 17(283): 5-6, set./out.
- SADER, Emir. *A grande fábrica de consenso*. 17(281): 17-9, mai./jun.
- SAMPAIO, Marcondes. *Quadro internacional influencia novo Congresso*. 17(249): 11-3, jan./fev.
- SAMPAIO, Plínio de Arruda. *O governo escolhe um caminho*. 17(279): 5-7, jan./fev.
- SANTILLI, Márcio. *Radares avaria-dos*. 17(280): 33-5, mar./abr.
- SCHILLING, Paulo R. *Alternativas para o Brasil*. 17(279): 43, jan./fev.
- _____. *Origem, avanço e crise do neoliberalismo*. 17(279): 8-10, jan./fev.
- SCHLESINGER, Sérgio. *Ajuste e Plano Real: um caminho sem fim?* 17(284): 10-3, nov./dez.
- SERRA, Olympio. *Palmares: a união do diverso*. 17(283): 7-8, set./out.
- SERRA, Ordep. *Delírios no jardim de Deus*. 17(280): 23-6, mar./abr.
- SILVA, Valmor. *Resistência e esperança*. 17(282): 37-8, jul./ago.
- SOARES DE OLIVEIRA, Rafael. *Ca-beça de fogo em águas tranquilas*. 17(281): 47, mai./jun.
- _____. *Peripécias do amor*. 17(280): 27-30, mar./abr.
- SOTO, Inês Sanz. *Sindicato dos trabalhadores rurais de Valente: educação sindical e mobilização*. 17(282): 22-3, jul./ago.
- _____. *Sociedade maranhense de defesa dos direitos humanos: vida de negro*. 17(282): 20-1, jul./ago.
- SPILLER, Eduardo. *Movimentos sociais populares: guia de leitura*. 17(283): 35-7, set./out.
- TEUBAL, Miguel. *Êxitos e fracassos dos ajustes neoliberais*. 17(284): 14-7, nov./dez.
- TUPINAMBÁ, João Cláudio Arroyo; ARAÚJO, Eliasi; ROTHER, Marga. *Pequena ousada iniciativa no Norte do País*. 17(282): 24-5, jul./ago.
- VELHO, Gilberto. *Democracia e negociação da realidade*. 17(282): 9-10, jul./ago.
- VILLARREAL, Néelson. *Um caso heterodoxo*. 17(284): 18-21, nov./dez.
- WALDMAN, Maurício. *Bereshit: a criação da diversidade*. 17(279): 40-2, jan./fev.
- WANDERLEY, Luiz Eduardo. *Quem se preocupa com as massas?* 17(281): 5-8, mai./jun.
- CUT-PARAGUAI. *A implantação do modelo neoliberal e o sindicalismo*. 17(284): 22-3, nov./dez.
- IULIANELLI, Jorge Atílio. *Igrejas, movimentos sociais e movimento sindical*. 17(284): 28-30, nov./dez.
- PORTELLA DE CASTRO, Maria Silvia. *Mercosul: estágio atual e perspectivas*. 17(284): 33-6, nov./dez.
- RAMALHO, Jether. *Historiadores analisam a Igreja*. 17(282): 32-3, jul./ago.
- RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. *A flor mais linda do meu querer: impressões sobre a situação atual de Nicarágua*. 17(281): 42-4, mai./jun.
- SCHLESINGER, Sérgio. *Ajuste e Plano Real: um caminho sem fim?* 17(284): 10-3, nov./dez.
- TEUBAL, Miguel. *Êxitos e fracassos dos ajustes neoliberais*. 17(284): 14-7, nov./dez.
- VILLARREAL, Néelson. *Um caso heterodoxo*. 17(284): 18-21, nov./dez.

Bíblia

- ADRIANO FILHO, José. *Tu me seduziste, Javé, e eu me deixei seduzir*. 17(280): 41-2, mar./abr.
- BORTOLLETO FILHO, Fernando. *Massa que se faz povo... Vida brotando da morte*. 17(281): 45-6, mai./jun.
- BOTAS, Paulo Cezar Loureiro. *Da Bíblia e da espiritualidade*. 17(279): 30-1, jan./fev.
- CALVILLO, José Luís. *Contribuição de Chiapas, México: elementos de um messianismo indígena*. 17(283): 42-3, set./out.
- GARCIA, Paulo Roberto. *Ressurreição e exclusão...do corpo*. 17(284): 45-6, nov./dez.
- SILVA, Valmor. *Resistência e esperança*. 17(282): 37-8, jul./ago.
- WALDMAN, Maurício. *Bereshit: a criação da diversidade*. 17(279): 40-2, jan./fev.

Assuntos

América Latina

- ARRUDA, Marcos. *Globalização e ajuste neoliberal: riscos e oportunidades*. 17(284): 5-9, set./out.
- BASE-IS. *O neoliberalismo e o setor agrário*. 17(284): 23-4, nov./dez.
- CALVILLO, José Luis. *Contribuição de Chiapas, México: elementos de um messianismo indígena*. 17(283): 42-3, set./out.
- CUNHA, Magali do Nascimento. *O desafio da AIDS/SIDA às igrejas no Brasil: a esperança é a última que morre*. 17(284): 42-4, nov./dez.

Comunicação

- DIOGO, Doris Rangel. *Telespectadores em cena: Análise de cartas a um ídolo da TV*. 17(281): 23-5, mai./jun.

FONSECA, Alexandre Brasil. *Possibilidades na construção da cidadania: religiões e meios de comunicação*. 17(281): 35-8, mai./jun.

GALANO, Ana Maria. *Cultura de massa: Dois tempos e algumas questões*. 17(281): 13-4, mai./jun.

HERSCHMANN, Micael. *Nova York não é aqui: Funk e rap na cultura carioca*. 17(281): 20-2, mai./jun.

LIBÂNIO, João Batista. *Massa e comunidade*. 17(281): 26-8, mai./jun.

RONDELLI, Elizabeth. *Da massa às interações comunicativas*. 17(281): 9-12, mai./jun.

RONSINI, Veneza Mayora. *Cultura popular e meios de comunicação de massa*. 17(281): 15-6, mai./jun.

SADER, Emir. *A grande fábrica de consenso*. 17(281): 17-9, mai./jun.

SAMPAIO, Marcondes. *Quadro internacional influencia novo Congresso*. 17(279): 11-3, jan./fev.

WANDERLEY, Luiz Eduardo. *Quem se preocupa com as massas?* 17(281): 5-8, mai./jun.

Ecumenismo

BOTAS, Paulo Cezar Loureiro. *Da Bíblia e da espiritualidade*. 17(279): 30-1, jan./fev.

BRAKEMEIER, Gottfried. *Aproximação das igrejas? avanços e retrocessos*. 17(282): 34-6, jul./ago.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *O ecumenismo e os novos movimentos religiosos*. 17(279): 22-4, jan./fev.

CUNHA, Magali do Nascimento. *A esperança está viva*. 17(279): 35-6, jan./fev.

MO SUNG, Jung. *A luta continua*. 17(279): 32-4, jan./fev.

RAMALHO, Jether. *Historiadores analisam a Igreja*. 17(282): 32-3, jul./ago.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. *Descobrir a direção do vento*. 17(279): 18-21, jan./fev.

RODRIGUES DA SILVA, Marcos. *Desafio de uma teologia negra*. 17(279): 25-6, jan./fev.

ROTHER, Rosa Marga. *Questões de gênero numa perspectiva ecumênica*. 17(279): 27-9, jan./fev.

Espiritualidade

ALVES, Rubem. *A solidão*. 17(280): 15-8, mar./abr.

_____. *O acorde final*. 17(283): 40-2, set./out.

_____. *Os mapas*. 17(284): 40-1, nov./dez.

_____. *O telefone*. 17(281): 40-1, mai./jun.

_____. *Com olho de peixe*. 17(279): 38-9, jan./fev.

_____. *Sobre deuses e rezas*. 17(282): 30-1, jul./ago.

BARROS DE SOUZA, Marcelo. *Segredos da solidão que o silêncio vem contar*. 17(280): 19-22, mar./abr.

BOFF, Leonardo. *O carisma é uma força cósmica nas pessoas*. 17(280): 12-4, mar./abr.

BOTAS, Paulo Cezar Loureiro. *Da Bíblia e da espiritualidade*. 17(279): 30-1, jan./fev.

SERRA, Ordep. *Delírios no jardim de Deus*. 17(280): 23-6, mar./abr.

SOARES DE OLIVEIRA, Rafael. *Peripécias do amor*. 17(280): 27-30, mar./abr.

Gênero

NOLASCO, Sócrates. *A condição masculina*. 17(280): 31-2, mar./abr.

ROTHER, Rosa Marga. *Questões de gênero numa perspectiva ecumênica*. 17(279): 27-9, jan./fev.

Mercosul

CUT-PARAGUAI. *A implantação do modelo neoliberal e o sindicalismo*. 17(284): 22-3, nov./dez.

IULIANELLI, Jorge Atílio. *Igrejas, movimentos sociais e movimento sindical*. 17(284): 28-30, nov./dez.

PORTELLA DE CASTRO, Maria Silvia. *Mercosul: estágio atual e perspectivas*. 17(284): 33-6, nov./dez.

TEUBAL, Miguel. *Êxitos e fracassos dos ajustes neoliberais*. 17(284): 14-7, nov./dez.

VILLARREAL, Néelson. *Um caso heterodoxo*. 17(284): 18-21, nov./dez.

Movimentos sociais

ARAÚJO, Eliasi; TUPINAMBÁ, João Claudio Arroyo; ROTHER, Marga. *Pequena ousada iniciativa no Norte do País*. 17(282): 24-5, jul./ago.

ARROCHELLAS, Maria Helena. *Fantoches: artistas no tecido social*. 17(282): 26-7, jul./ago.

GAIGER, Luiz Inácio. *As microexperiências populares: novas malhas de um tecido social*. 17(282): 11-3, jul./ago.

GOMEZ DE SOUZA, Luiz Alberto. *Um tecido social em mutação*. 17(282): 5-8, jul./ago.

LOPES, Paulo R.C. *Iniciativas locais na luta contra a exclusão social*. 17(282): 14-6, jul./ago.

MOREIRA, Elio Raymundo. *Seca no Ceará*. 17(282): 27-8, jul./ago.

MOVIMENTOS SOCIAIS: uma leitura dos efeitos do neoliberalismo. 17(284): 25-7, nov./dez.

ROLEMBERG, Eliana. *Projetos alternativos comunitários na reconstrução do tecido social*. 17(282): 17-9, jul./ago.

SOTO, Ines Sanz. *Sindicato dos trabalhadores rurais de Valente: educação sindical e mobilização*. 17(282): 22-3, jul./ago.

_____. *Sociedade maranhense de defesa dos direitos humanos: vida de negro*. 17(282): 20-1, jul./ago.

SPILLER, Eduardo. *Movimentos sociais populares: guia de leitura*. 17(283): 35-7, set./out.

VELHO, Gilberto. *Democracia e negociação da realidade*. 17(282): 9-10, jul./ago.

Neoliberalismo

ARRUDA, Marcos. *Globalização e ajuste neoliberal: riscos e oportunidades*. 17(284): 5-9, set./out.

BASE-IS. *O neoliberalismo e o setor agrário*. 17(284): 23-4, nov./dez.

CUT-PARAGUAI. *A implantação do modelo neoliberal e o sindicalismo*. 17(284): nov./dez.

MOVIMENTOS SOCIAIS: uma leitura dos efeitos do neoliberalismo. 17(284): 25-7, nov./dez.

IULIANELLI, Jorge Atílio. *Igrejas,*

- movimentos sociais e movimento sindical. 17(284): 28-30, nov./dez.
- PORTELLA DE CASTRO, Maria Silva. Mercosul: estágio atual e perspectivas. 17(284): 33-6, nov./dez.
- SAMPAIO, Plínio de Arruda. *O governo escolhe um caminho*. 17(279): 5-7, jan./fev.
- SCHILING, Paulo R. *Origem, avanço e crise do neoliberalismo*. 17(279): 8-10, jan./fev.
- SCHLESINGER, Sérgio. *Ajuste e Plano Real: um caminho sem fim?* 17(284): 10-3 nov./dez.
- TEUBAL, Miguel. *Êxitos e fracassos dos ajustes neoliberais*. 17(284): 14-7, nov./dez.
- VILLARREAL, Néelson. *Um caso heterodoxo*. 17(284): 18-21, nov./dez.

Pentecostalismo

- BARROS DE SOUZA, Marcelo. *Campeonato de quebrar imagens*. 17(283): 38-9, set./out.
- BITTENCOURT FILHO, José. *Desejos e campo religioso*. 17(281): 32-4, mai./jun.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *O ecumenismo e os novos movimentos religiosos*. 17(279): 22-4, jan./fev.
- FONSECA, Alexandre Brasil. *Possibilidades na construção da cidadania: religiões e meios de comunicação*. 17(281): 35-8, mai./jun.
- LIBÂNIO, João Batista. *Massa e comunidade*. 17(281): 26-8, mai./jun.

Questão agrária

- MOVIMENTOS SOCIAIS: uma leitura dos efeitos do neoliberalismo. 17(284): 25-7, nov./dez.
- BASE-IS. *O neoliberalismo e o setor agrário*. 17(284): 23-4, nov./dez.
- FONSECA, Alexandre Brasil. *Políticas públicas e desenvolvimento: o exemplo dos reassentados de Itaparica*. 17(284): 37-9, nov./dez.
- MARTINS, José de Souza. *A questão agrária nos dilemas da governabilidade*. 17(279): 14-7, jan./fev.

Resenhas

- ALTMANN, Walter. *Lutero e libertação*. Rio de Janeiro: Ática/Sinodal, 1995. 352 pp. 17(282): 39, jul./ago.
- LOPES DA SILVA, Aracy & GRUPIONI, Luiz Donisete Benzi (orgs.). *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília-DF, MEC/MAR/UNESCO, 1995, 575 pp. 17(284): 47, nov./dez.
- NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro, Rocco, 1995. 192 pp. 17(280): 43, mar./abr.
- SERRA, Ordep. *Águas do Rei*. Rio de Janeiro, Koinonia/Vozes, 1995. 366 pp. 17(281): 47, mai./jun.
- SETOR PASTORAL SOCIAL-CNBB. *Brasil, alternativas e protagonistas: por uma sociedade democrática*. Petrópolis, Vozes, 1994. 157 pp. 17(279): 43, jan./fev.

Religião

- AZZI, Riolando. *O catolicismo luso-brasileiro*. 17(281): 29-31, mai./jun.
- BITTENCOURT FILHO, José. *Desejos e campo religioso*. 17(281): 32-4, mai./jun.
- CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. *O Ressurgimento do islamismo*. 17(280): 36, mar./abr.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *O ecumenismo e os novos movimentos religiosos*. 17(279): 22-4, jan./fev.
- LIBÂNIO, João Batista. *Massa e comunidade*. 17(281): 26-8, mai./jun.
- WANDERLEY, Luiz Eduardo. *Quem se preocupa com as massas?* 17(281): 5-8, mai./jun.

Sedução

- COSTA, Jurandir Freire. *A sedução dos objetos*. 17(280): 5-8, mar./abr.
- GEBARA, Ivone. *Sedução*. 17(280): 9-11, mar./abr.

Sindicato

- BASE-IS. *O neoliberalismo e o setor agrário*. 17(284): 23-4, nov./dez.
- CUT-PARAGUAI. *A implantação do modelo neoliberal e o sindicalismo*. 17(284): 22-3, nov./dez.

- FONSECA, Alexandre Brasil. *Políticas públicas e desenvolvimento: o exemplo dos reassentados de Itaparica*. 17(284): 37-9, nov./dez.
- IULIANELLI, Jorge Afílio. *Igrejas, movimentos sociais e movimento sindical*. 17(284): 28-30, nov./dez.
- SOTO, Inês Sanz. *Sindicato dos trabalhadores rurais de Valente: educação sindical e mobilização*. 17(282): 22-3, jul./ago.

Teologia

- BITTENCOURT FILHO, José. *Sobre teologia e economia*. 17(284): 31-2, nov./dez.
- MO SUNG, Jung. *A luta continua*. 17(279): 32-4, jan./fev.
- RODRIGUES DA SILVA, Marcos. *Desafio de uma teologia negra*. 17(279): 25-6, jan./fev.
- ROTHER, Rosa Marga. *Questões de gênero numa perspectiva ecumênica*. 17(279): 27-9, jan./fev.

Utopias

- ADDOR, Carlos Augusto. *Proposta libertária para a sociedade brasileira*. 17(283): 18-21, set./out.
- ARAÚJO, Zezito de. *Zumbi dos Palmares*. 17(283): 11-3, set./out.
- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *Cristianismo: uma utopia no sertão*. 17(283): 14-7, set./out.
- CARRION JUNIOR, Francisco. *Trabalhismo: evolução e propostas*. 17(283): 33-4, set./out.
- KONDER, Leandro. *Uma inspiração generosa - Entrevista*. 17(283): 29-32, set./out.
- LOPES, Nei. *Zumbi, guerreiro banto*. 17(283): 11-4, set./out.
- MELLO, Marco Antônio da Silva & VOGEL, Arno. *A Guerra Santa do Contestado*. 17(283): set./out.
- PRESTES, Anita Leocádia. *A Coluna Prestes e o liberalismo radical dos "Tenentes"*. 17(283): 26-8, set./out.
- SERRA, Olympio. *Palmares: a união do diverso*. 17(283): 7-8, set./out.
- SPILLER, Eduardo. *Movimentos sociais populares: guia de leitura*. 17(283): 35-7, set./out.

PERU

A PARTICIPAÇÃO DO CIDADÃO E SUAS PREMISAS SOCIAIS

Sinésio López

A participação do cidadão no Peru sempre esteve ligada a processos sociais e políticos sucedidos no decorrer da história. Há, entretanto, idéias-eixo que interpretam a configuração da cidadania nos tempos atuais. Neste artigo são apontados cinco pontos da discussão sobre a participação e atitude cidadãos no Peru hoje

POSTULADOS SOBRE CIDADANIA

1. Sobre cidadania e democracia: Nos tempos atuais os peruanos se aproximam da política, e especialmente da democracia, a partir do ponto de vista dos direitos dos cidadãos. Um dos fatos que pode confirmar esta assertiva é o Golpe de Estado de 5 de abril de 1992, o qual os analistas políticos catalogam como o estabelecimento de uma ditadura. Entretanto, as pesquisas de opinião pública indicavam uma posição diversa. Em primeiro lugar, essas pesquisas sustentavam que no Peru não havia ditadura, antes democracia. Em segundo lugar que o governo de Alberto Fujimori era democrático e, por último, que todos os peruanos queriam a democracia. Evidentemente havia um divórcio entre a visão dos analistas políticos e a visão da maio-

ria da população. Deduz-se que tanto os analistas como os políticos entendem a democracia de uma forma e os cidadãos de outra.

Para os políticos a democracia é vista sob o ponto de vista institucional, quer dizer, a democracia é um tipo de governo. Para a maior parte da população a democracia não é um tipo de governo, é, melhor, uma forma de sociedade. É a democracia que está ligada ao respeito dos direitos dos cidadãos. Se as pessoas sentem que seus direitos são violentados, não duvidarão em questionar o governo. Isso sucedeu com o referendo ultimamente realizado, no qual quase que houve um empate entre o sim e o não, porque estavam em jogo os direitos dos cidadãos.

O outro exemplo gira em torno da Lei da Anistia, outorgada aos militares implicados em crimes durante a luta antissubversiva, e que foi rechaçada pela grande maioria dos peruanos.

Diante destas reações vale aplicar um famoso teorema sociológico — o “Teorema de Thomas”: Se a gente pensa que algo é real, é real em suas conseqüências.

Os cidadãos se comportarão democraticamente ante esse governo, lhe exigirão decisões democráticas, e ao mesmo tempo o sancionarão caso o governo questione a democracia entendida na perspectiva dos cidadãos.

2. Direitos sociais: Os direitos dos cidadãos no Peru são prioritariamente direitos sociais, mais que direitos

políticos e civis. O desenvolvimento da cidadania e a configuração dos direitos no Peru têm seguido uma história diferente da lógica do desenvolvimento da cidadania na Europa. No século XVIII se conquistaram os direitos civis em torno da liberdade; no século XIX sobre os direitos à participação política e ao sufrágio universal; e o século XX é considerado o século dos direitos sociais. Por exemplo, nos anos de 1950, 1960 e até os de 1970 os trabalhadores da cana-de-açúcar demandavam melhores condições de trabalho e de salário. Ao mesmo tempo exigiam o direito à greve e ao reconhecimento dos sindicatos.

A atitude dos cidadãos dos países europeus, entretanto, não corresponde precisamente ao alto nível do desenvolvimento que desfrutaram, senão que os direitos sociais são produto de um grande desenvolvimento sustentável que permite a participação de todos na riqueza produzida. Ao contrário, no Peru, a luta pelos direitos sociais surge a partir da extrema pobreza.

3. Diversidade e heterogeneidade cultural: A igualdade de direitos — que supõe a cidadania — se dá dentro de um contexto de diversidade e de heterogeneidade cultural. No nosso país, o Peru, diferentemente do Equador e da América Central, onde o andino se encapsula com um projeto próprio e se desenvolve com um movimento indígena, o andino peruano se lança à conquista do país por meio dos movimentos campones-

*A cidadania é um processo
inacabado no Peru
que combina muitas
continuidades e algumas
rupturas*

ses e das migrações, reivindicando sua cidadania. O índio se transforma em camponês, logo em migrante e em cidadão. É o que poderíamos chamar de *cholificación* ("aculturação", em que se constata um processo de mudança de *status* social).

4. Desigualdade e pobreza: A cidadania no Peru produz-se num marco de desigualdade e pobreza extrema. Na América Latina, Peru e Brasil, são os países que apresentam maior desigualdade social e econômica. Entretanto, esta situação não tem impedido o desenvolvimento da cidadania, ou melhor lhe dá certa peculiaridade, porque dentro desse contexto adverso se efetua todo um movimento que propugna a igualdade. Nele têm surgido movimentos que lutam contra a pobreza para conseguir a igualdade social.

5. Processo inacabado: No Peru a cidadania é um processo inacabado que combina muitas continuidades e algumas rupturas. A cidadania se tem desenvolvido através de diversas etapas, sem que surgissem rupturas fundamentais com o poder ou com a sociedade, formando parte de um marco de continuidade. Há todavia, existência de algumas rupturas como parte do processo social.

Na etapa atual vemos que sem se ter concluído tal movimento de construção da cidadania, questionam-se esses avanços, retrocede-se sobretudo em direitos sociais. Constrói-se um perfil de cidadania política muito peculiar, não em forma representativa nem em forma de participação política e social, senão de uma forma plebiscitária.

Na Constituição Política a participação do cidadão se circunscreve

a seus direitos relacionados à iniciativa legislativa, ao referendun, aos plebiscitos. Esses direitos, porém, não se articulam com a representação e a participação social. Evidentemente há uma forma de configuração da participação política, localizando-a na âmbito plebiscitário, que dá lugar às democracias plebiscitárias.

PERU



Nome oficial: República do Peru

Capital: Lima

Superfície: 1.285.261 km²

População: 22.454.000 habitantes

Natalidade: 32,8 por 1.000

Mortalidade: 8,3 por 1.000 (infantil: 80,7 por 1.000)

Gastos com saúde: 5,1% do orçamento

Analfabetismo: 10,7%

Gastos com educação: 16,2% do orçamento

Desemprego: 8,2%

Moeda: sol novo

Força de trabalho: 7,7 milhões (sendo na agricultura: 34% e na indústria: 16,9% e comércio: 15,6%)

Forma de governo: presidencialista

Fonte: Almanaque Abril/1994.

PARTICIPAÇÃO DO CIDADÃO: UMA GRANDE TAREFA

Considerando estes aspectos, a imagem que transmite a política de Fujimori é a intenção de construir um cidadão mínimo, um cidadão que tenha os mínimos direitos possíveis. Um esquema totalmente distinto do que desejou construir o cidadão dos anos de 1950, uma cidadania democrática exercida a partir da base da sociedade. Foi um processo que buscou consolidar a cidadania em diversas dimensões da vida social, dos direitos sociais, direitos políticos e direitos civis.

Diante destas reflexões, seria interessante conhecer a fundo o perfil do cidadão atual. Deste modo se faz necessário assinalar os perfis de cidadania indicados pelas diversas instituições comprometidas no trabalho da construção da cidadania. Haveria que inventar-se, talvez, alguns instrumentos de medição sobre o avanço ou o retrocesso no desenvolvimento da cidadania, de tal maneira que se pudessem medir esses avanços e esses retrocessos, periodicamente.

Também é importante elaborar-se um mapa da cidadania no plano social, distinguindo-se as três dimensões clássicas da cidadania: a civil, a política e a social. Cada uma dessas dimensões apresenta variáveis que as definem, devendo-se construir um índice próprio para cada uma delas. A partir de nossa experiência estamos tratando de elaborar uma tipologia e estabelecer dez categorias de cidadãos com o intuito de encontrar o perfil subjetivo do cidadão peruano, para detectar se ele se sente cidadão ou não e que tipo de cidadão crê ser.

Ainda há muito por fazer no campo da construção da cidadania.

Sinésio López é sociólogo peruano. Texto Extraído da revista *Religion y economia*, Lima, Peru, dezembro de 1995.

REALIDADE ÀS AVESSAS, OU RECRIANDO O TEMPO DE SONHAR?

Jane Falconi Ferreira Vaz

Aos queridos Cristina e Emmanuel,
para que não parem de sonhar...

*Tudo tem a sua ocasião própria, e há
tempo para todo o propósito debaixo
do céu.*

Eclesiastes 3.1

Tudo é real porque tudo é inventado.
Guimarães Rosa

Falar em tempo pode ser pensar na sua medida, no seu andamento, no tempo que passou, no que está por vir. Tempo de criança. Tempo de alegrias. Tempo de solidão. Tempo de dores. Tempo de espera. Tempo de plantar. Tempo de colher.

Quero pensar aqui e compartilhar a visão do tempo, geralmente atribuída à criança, como se a ela não pudesse pertencer ao mundo do adulto: da ausência de idade, época ou momento para inventar o sonho. Até que ponto é importante ou é possível ser adulto sem deixar morrer aquela criança que sempre existiu dentro de nós? É alienante falar em sonho num tempo de dores e amarguras?

Aquilo que não existe nos ajuda. Será que isso faz sentido?

Essas coisas para mim moram no compartimento do sonho, daquilo que se cria e que se projeta como um alimento de que a nossa alma precisa.

MAIS REAL IMPOSSÍVEL...

O dia-a-dia e a sua concreta realidade colocam-se à nossa frente com uma cara feia e às vezes dura. O País vai mal. A economia pior. Nosso estilo de vida precisou mudar. Nosso dinheiro é pouco. Parece que entramos num beco sem saída. Olhar para essa cara como sendo a estampa da nossa realidade chega a ser assustador. Dá vontade de nem ter vontade.

Outro dia pensava: está demorando o tempo dos meus cabelos brancos! Não foi preciso esperar muito para notar que os primeiros fios começavam a aparecer. Eles insistiam em me contar que estavam aqui. Fazendo questão de marcar o tempo em que as coisas se tornaram mais difíceis. Talvez para que eu me lembrasse sempre de que eles surgiram quando eu começava um processo de perda de esperança. O que vejo em volta? Do que falamos? O que temos para o nosso lazer? Nos últimos tempos só tenho visto e ouvido falar em dores, contas em atraso, pessoas com cenho franzido, olhar fugidio. Pessoas meio vivas, meio mortas, que empurram a vida ou se deixam levar pela correnteza que determina o seu rumo. Olhei e me flagrei igual a todos.

Não há nenhum momento especial, nem um grande movimento que de fato nos envolva, que nos motive a levantar bandeiras, a sair por aí com nossas mãos erguidas em gestos de luta. O clima é de apatia por onde

quer que conversemos, estejamos reunidos, ainda que em diferentes grupos. Não é sem razão. A conjuntura em que vivemos nos deixa assustados. Não é possível crer que um país esteja tão mal governado, que as prioridades tenham sido tão esquecidas ou invertidas, que o povo vá aumentando a massa dos desempregados, que não se tenha dignidade naquilo que é o mínimo, que é o básico para que se possa sobreviver e viver sem tanto medo e incerteza. Esta é a nossa realidade. É impossível negar a sua existência. É impossível fazer de conta que ela não existe.

ESPERAR CONTRA A ESPERANÇA...

Mas o que desejo repensar não é de modo algum alienante. Nem deve existir como uma espécie de anestesia ou paliativo para todos os nossos problemas. Mas a nossa capacidade de sonhar, de inventar, de ousar viver momentos mágicos, precisa também ser resgatada. Porque de verdade o mundo sobre o qual falamos é a imagem do nosso cenário interior, dos desejos que projetamos.

E há momentos em que encontramos de modo meio mágico, meio inexplicável, um Deus que vem ao encontro do que nossa solidão, nossa dor e angústia projetam. Projetam porque necessitam. Mas também a nossa alma de criança sabe projetar o Deus lúdico, da alegria, da brincadeira, do canto e da dança. E coisas



que se arrastavam, que ficavam pesadas, de repente ficam leves, transparentes e carregadas de utopia. Estou falando do sonho. De coisas que não podemos ter como palpáveis, mas que existem dentro do nosso próprio universo de desejos. A ausência. A busca. A espera. A música. O olhar. Coisas que vêm nos contar que precisamos sonhar e deixar o sonho nos invadir. Tudo é sonho... até o que parece ser real.

Há os que pararam de sonhar porque só fizeram se repetir ao longo dos anos. Sonhar não era considerado coisa de gente séria. Sonhar era ser alienado porque deixava-se de lado a realidade dura pela qual se precisava fazer uma guerra armada. Sonhar poderia ferir os discursos sociológicos tão bem elaborados nas academias. Sonhar poderia ser uma heresia, já que os que têm fé sólida esperam num Deus concreto. Uma coi-

sa não exclui a outra. E isso, sim, é coisa séria!

Os momentos em que sinto mais a presença de Deus são aqueles em que não há outro motivo para esperar, quando insisto na teimosia da minha esperança, ou mesmo quando posso sorrir, quando não há razão para fazê-lo. E isso me faz pensar em Abraão: talvez ele já nem tivesse razão para muito sorriso; Sara estava idosa e do seu corpo não se podia esperar mais o gerar outra vida. E eis que Abraão se põe a construir um berço e começa a dizer: "Apesar de não se encontrarem frutos no pomar... eu me alegro"! (Habacuque 3.17).

Este "apesar" faz a diferença. A grande diferença. E mais que diferença estabelece uma ligação entre a morte (quando já não se espera) e a vida (quando tudo começa a brotar).

Este é o grito da minha própria esperança. Fazer reviver coisas que

talvez já tenham morrido. E junto a outros experimentar a magia de que cores voltem a brilhar, flores nos façam novamente sentir perfumes, escuros se tornem clarões.

Mesmo que a vida volte a brotar da nossa mais profunda dor. A dor de saber dos tempos difíceis. A dor de ver e ouvir o peso de nosso tempo. Mas não deixar morrer o tempo do sonhar. Do inventar. Do recriar.

Só a mais teimosa e atrevida das esperanças pode sobreviver a tempos tão difíceis. Só a mais ousada utopia pode fazer os olhos brilharem outra vez. Pode aquecer o coração. Pode recriar o momento mágico do viver. Só o tempo mágico de tal esperança e utopia é que pode ser o avesso do avesso de toda a essa escuridão.

Jane Falconi Ferreira Vaz, metodista, mestra em Química, integra a equipe de KOINONIA Presença Ecológica e Serviço.

A VIDA COMO CRITÉRIO ÉTICO

Cláudio Ribeiro

CONVERSANDO SOBRE
ÉTICA E SOCIEDADE
Jung Mo Sung e Josué
Cândido da Silva
Editora Vozes
Petrópolis, 1995
120pp. 14x21cm

Quando saí do cinema, após ver “A lista de Schindler”, imaginei que alguma coisa nova estava ocorrendo na sociedade. Ora! Filme preto e branco de três horas de duração e as pessoas ali, fascinadas, “mobilizadas”. Não poderia ser somente magia *spilberguiana*... *Conversando* (sobre ética e sociedade) é que a gente se entende.

As discussões sobre a ética nos diferentes campos da sociedade chegaram com força. Com elas estão os mais variados movimentos e esforços, provenientes de diferentes grupos, por uma consciência ética na sociedade. É a primeira constatação deste simpático livro. Trata-se de uma ética de responsabilidade, fruto da liberdade humana, ante o quadro socioeconômico e político que tem causado indignação.

Para isso, segundo os autores, não basta a reflexão sobre as intenções pessoais. É necessário descobrir como a estruturação social nelas intervém e quais são os conflitos inevitáveis com os interesses dos outros com os quais cada um necessita conviver.

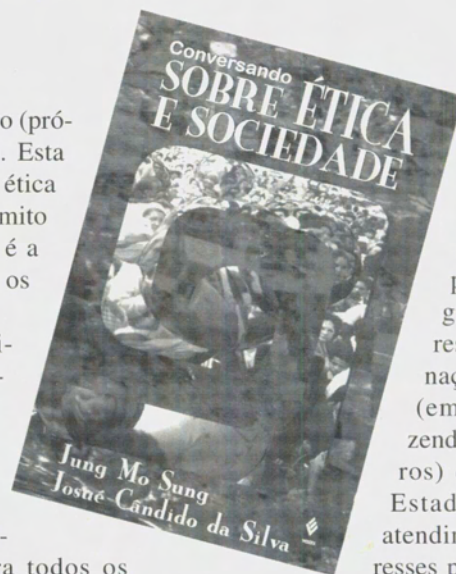
A ética da responsabilidade solidária atende ao esgotamento da moral essencialista por um lado (própria das sociedades tradicionais) e a

subjetivista por outro (própria das modernas). Esta última substituiu a ética pela técnica, sob o mito de que o progresso é a solução para todos os problemas sociais.

Os autores indicam que “o resultado prático de tudo isso é que a eficácia econômica do sistema de mercado passou a ser critério supremo para todos os juízos morais. Com a identificação da eficácia — um critério técnico — como o critério ético supremo, a discussão ética foi reduzida a uma questão técnica”. E os danos estão aí: mortes de contingentes consideráveis das populações, desemprego, precariedade e desumanização nos sistemas de saúde, educação e demais áreas vitais da vida humana.

No campo da política, algo semelhante ocorre. Há uma racionalidade que não visa a discussão da moralidade dos objetivos, mas somente a eficácia dos meios a serem utilizados para atingi-los. Mais uma vez a inversão de que os meios justificam os fins. Neste sentido, o que há de mais grave na política moderna, mais do que as eventuais imoralidades, é a sua pretensão de amoralidade, de reger-se por critérios objetivos de decisão e não por valores.

A tecnificação do sistema político no capitalismo (ao lado da burocratização no socialismo) gera danos irreparáveis. A apatia do povo, fruto da falta de estímulo de participação na vida política e da ausência de ca-



nais para tanto, é um exemplo. Esta apatia abre espaço para a ação de grupos de interesse pela dominação econômica (empresários, fazendeiros, banqueiros) que fazem do Estado o canal de atendimento de interesses privados.

A ética na política é a possibilidade de correção do excesso de formalização do sistema e da renovação deste por intermédio da participação da sociedade civil.

Além da economia e da política, ecologia e questões de gênero também são pontos de destaque do livro. Todos tratados didaticamente (atenção professores!) e com forte relação com aspectos do cotidiano. *Conversando sobre ética e sociedade* é possível descobrir que a vida humana, em sua concretude, é o critério fundamental para as regras de conduta e posturas éticas. Estas requerem solidariedade e responsabilidade social.

Cláudio Ribeiro, pastor metodista, integra a equipe de KOINONIA Presença Ecológica e Serviço.

INSTANTES

(Atribuído a Jorge Luís Borges)

Se eu pudesse viver novamente a minha vida, na próxima trataria de cometer mais erros. Não tentaria ser tão perfeito. Relaxaria mais. Seria mais tolo ainda do que tenho sido. Na verdade, bem poucas coisas levaria a sério. Seria até menos higiênico.

Correria mais riscos, viajaria mais, contemplaria mais entardeceres, subiria mais montanhas, nadaria mais rios. Iria a lugares onde nunca fui, tomaria mais sorvete e menos mingau de aveia. Teria mais problemas reais e menos problemas imaginários.

Eu fui uma destas pessoas que viveu sensata e produtivamente cada minuto de sua vida. Claro que tive momentos de alegria mas, se pudesse voltar a viver, trataria de ter somente bons momentos. Porque, se não o sabem, disso é feita a vida, só de momentos. Não percam o agora. Eu era um desses que nunca ia a parte alguma sem um termômetro, uma bolsa de água quente, um guarda-chuva e um paraquedas. Se voltasse a viver viajaria mais leve. Se eu pudesse voltar a viver começaria a andar descalço no começo da primavera e continuaria assim até o fim do outono. Daria mais voltas na minha rua, contemplaria mais amanheceres e brincaria com mais crianças, se tivesse outra vez uma vida pela frente.

Mas, já viram, tenho oitenta e cinco anos, e sei que estou morrendo...

